

**Apoio ao
Desenvolvimento da
Comercialização de
Produtos Florestais
Não Madeireiros
(PFNM) na RESEX
Riozinho do Anfrísio,
Altamira – Pará**

Potencial de Copaiba (Copaifera spp.)

Este Relatório Técnico Final apresenta um levantamento preliminar do potencial de copaiba (Copaifera spp.) e o diálogo sobre comercialização e certificação de produtos florestais não madeireiros na RESEX do Riozinho do Anfrísio, município de Altamira – PA.

Rocío Chacchi Ruiz & Teiamar Bobot
31/1/2008

EXECUÇÃO

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA

PARCERIAS

IBAMA ALTAMIRA

INSTITUTO CHICO MENDES

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO RIOZINHO DO ANFRÍSIO - AMORA

APOIO/FINANCIAMENTO:??

COORDENADOR

MARCELO SALAZAR – INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA)

CONSULTORA

ROCÍO CHACCHI RUIZ – BIÓLOGA

COLABORADORA

TÉJAMAR BOBOT – ENGENHEIRA AGRÔNOMA

EQUIPES DE CAMPO

DOMINGOS ROSA LUNA – COMUNITÁRIO, LOCALIDADE SÃO PEDRO

FRANCISCO LUNA DOS SANTOS (BODE) – COMUNITÁRIO, LOCALIDADE SÃO PEDRO

FERNANDO CASTRO BANDEIRA – COMUNITÁRIO, LOCALIDADE PAULO AFONSO

JOSÉ EDSON NASCIMENTO RODRIGUES (ZEZÃO) – COMUNITÁRIO, LOCALIDADE PIRANHEIRA

FRANCISCO SANTOS DA SILVA (CHICO PRETO) – COMUNITÁRIO, LOCALIDADE MORRO VERDE

JOSÉ SERINO TEIXEIRA – COMUNITÁRIO, LOCALIDADE

SIMONE – COMUNITÁRIA, LOCALIDADE

RAIMUNDO PEREIRA DO NASCIMENTO (PORRODÓ) – COMUNITÁRIO, LOCALIDADE CONCEIÇÃO

ENTREVISTADOS

DOMINGOS ROSA LUNA – LOCALIDADE SÃO PEDRO

RAIMUNDO BRANDÃO VALADAR – LOCALIDADE LAJEIRO

RAIMUNDO PEREIRA DO NASCIMENTO (PORRODÓ) – LOCALIDADE CONCEIÇÃO

PEDRO PEREIRA DE CASTRO – LOCALIDADE PAULO AFONSO

REIZINHO BEZERRA DE CASTRO – LOCALIDADE BUENOS AIRES

MAPA

ELIZABETH CUNHA – ENGENHEIRA FLORESTAL

IMAGENS

MARCELO SALAZAR

ROCÍO CHACCHI RUIZ

SUMÁRIO

SUMÁRIO	3
APRESENTAÇÃO.....	5
OBJETIVOS DA CONSULTORIA.....	6
Objetivo Geral	6
Objetivos Específicos	6
CAPÍTULO 1 – POTENCIAL DE COPAIBA (<i>Copaifera spp.</i>).....	6
1.1 Introdução.....	6
1.2 Metodologia	7
1.3 Resultados e Discussão	8
1.3.1 Levantamento em Escala Macro	8
1.3.2 Levantamento em Escala Micro	10
1.3.2 Estimativa da capacidade produtiva de copaíba	11
CAPÍTULO 2 – CAPACITAÇÃO EM TÉCNICAS DE EXTRAÇÃO	12
2.1 Introdução.....	12
2.2 Metodologia	13
2.3 Resultados e Discussão	14
2.3.1 Levantamento da Prática de Extração de Óleo de Copaíba	14
2.3.2 Capacitação em técnicas de extração	20
2.3.3 Reunião comunitária sobre comercialização de PFNM	22
CAPÍTULO 3 - ALTERNATIVAS ECONÔMICAS COM PFNM	24
3.1 Introdução.....	24
3.2 Metodologia	24
3.3 Resultados e Discussão	Erro! Indicador não definido.
CAPÍTULO 4 - POSSIBILIDADES DE CERTIFICAÇÃO DO ÓLEO DE COPAÍBA.....	25
4.1 Introdução.....	25
4.2 Metodologia	26
4.3 Resultados e Discussão	26
CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	27
5.1 Os PFNMs: Oportunidades e Desafios.....	27
5.2 Considerações Finais.....	28
5.3 Recomendações para continuidade do trabalho com PFNM na RESEX	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
ANEXOS	32
Anexo 1 - Levantamento de copaíba na Resex Riozinho do Anfrísio	32
Anexo 2 – Entrevistas das práticas de extração atual	40

Anexo 3 – Apresentações PowerPoint utilizadas nas conversas 45
Anexo 4 - Regras de manejo de copaiba de associação certificada. 52
Anexo 5 – Decreto de isenção de ICMS de PFNMS no Amazonas..... 53
Anexo 6 – Decreto de Subvenção da Borracha no Estado do Amazonas 55

Fig. 2. Mapa com as áreas de ocorrência de copaiba na RESEX Riozinho do Anfrísio.....9

Quadro 1. Localidade e tamanho das áreas amostrais de copaiba na RESEX Riozinho do Anfrísio. 8
Quadro 2. Localidade e quantidade de área amostradas por região. 10
Quadro 3..... 12

APRESENTAÇÃO

O presente documento constitui o relatório final da consultoria realizada para o Instituto Socioambiental (ISA), que desenvolveu o tema "Apoio ao Desenvolvimento da Comercialização de Produtos Florestais Não Madeireiros na RESEX Riozinho do Anfrísio, no município de Altamira, PA".

Este relatório considera principalmente as informações obtidas por meio das observações realizadas na RESEX Riozinho do Anfrísio no período de 15 de novembro a 06 de dezembro de 2007 e as informações provenientes de colaboradores externos. Traz relevantes informações sobre o potencial de copaíba e as atuais técnicas de extração de óleo de copaíba na RESEX; e sugestões e/ou recomendações para a realização de capacitação dos comunitários, formas de obtenção da certificação do óleo de copaíba e alternativas econômicas a partir dos produtos florestais não madeireiros comercializados na RESEX.

Visando a melhor compreensão, o presente relatório foi organizado em cinco capítulos, dos quais se encontram abaixo descritos.

- Capítulo 1 – apresenta o potencial de copaíba considerando quatro áreas amostrais;
- Capítulo 2 – apresenta as informações sobre as atuais técnicas de extração de óleo de copaíba e a maneira mais recomendável de se realizar a capacitação dos comunitários da RESEX, de forma que estes adotem as boas práticas de coleta e armazenagem, fruto dos ajustes da prática atual;
- Capítulo 3 – apresenta uma análise do produto óleo de copaíba no contexto das alternativas econômicas considerando os produtos florestais não madeireiros comercializados na RESEX;
- Capítulo 4 – apresenta algumas sugestões para obter a certificação do óleo de copaíba;
- Capítulo 5 – apresenta as considerações finais e recomendações;
- Anexos – oferece à parte, documentos com maiores detalhes sobre os indivíduos de copaíba encontrados nos levantamentos nas quatro áreas prioritárias, as entrevistas, imagens das atividades e documentos complementares relevantes, organizadas em anexos.

Esperamos que este relatório seja apresentado aos diferentes atores envolvidos em atividades na RESEX como a Associação dos Moradores do Riozinho do Anfrísio (AMORA), IBAMA Altamira, Instituto Chico Mendes, Fundação Viver, Produzir e Preservar (FVPP) e o

Instituto Socioambiental (ISA) para discutirem juntos sobre como, quando e quais produtos serão trabalhados como fonte de geração de renda , promoção da conservação dos recursos naturais e auto-gestão da comunidade.

Em caso de dúvidas entre em contato com Rocio Chacchi Ruiz, consultora, pelo fone (92) 3654-8116 ou pelo e-mail rociotchacchi@hotmail.com.

OBJETIVOS DA CONSULTORIA

OBJETIVO GERAL

O objetivo principal da consultoria foi realizar um levantamento do potencial de copaíba e promover o diálogo com os comunitários sobre comercialização e certificação de produtos florestais não madeireiros na RESEX do Riozinho Anfrísio, no município de Altamira-PA.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ⊕ Fazer levantamento do potencial de copaíba em quatro áreas amostrais da RESEX do Riozinho Anfrísio;
- ⊕ Promover capacitação em técnicas de extração de óleo de copaíba;
- ⊕ Contribuir nas discussões de análise dos dados, visando propor alternativas para o desenvolvimento econômico da região;
- ⊕ Contribuir com discussões preliminares sobre a certificação da área – vantagens, desvantagens e exemplos.

CAPÍTULO 1 – POTENCIAL DE COPAIBA (*Copaifera* spp.)

1.1 INTRODUÇÃO

Os recursos naturais na RESEX Riozinho do Anfrísio são utilizados como fonte de subsistência e renda por alguns ribeirinhos. A principal fonte de renda é oriunda do extrativismo dos produtos da floresta e rio, do qual é responsável por 58,5% da renda geral, sendo utilizado na aquisição de bens industrializados.

Os produtos extrativistas mais utilizados são as ervas medicinais, os frutos comestíveis, os frutos para extração de óleo (andiroba, patauí e babaçu), a copaíba, o mel, a castanha-do-

Brasil e os peixes (Salazar, 2007 pg. 20 e 64). Destes os principais são a castanha-do-Brasil com 23,7% da produção, seguido da copaíba com 10,1% e peixe com 9% (Salazar, 2007 pg. 64).

A RESEX do Riozinho do Anfrísio, criada em 2004, possui uma área de 736.340 hectares e abriga uma população de aproximadamente 261 indivíduos e 52 famílias (DOU, 2004; Salazar, 2007 pg. 47). Cerca de 82% desta população, ainda em idade escolar, não tem acesso a educação (Salazar, 2007 pg. 44).

No Riozinho do Anfrísio cerca de 48% das famílias coletam óleo de copaíba, onde a média da produção anual é de aproximadamente 1.330 kg. Segundo Salazar (2007 pg.18) na década de 90 a copaíba foi uma possibilidade de renda para as famílias do Riozinho do Anfrísio e do Iriri. Estas no auge da produção de copaíba, no ano de 1.999, chegaram a produzir mais de quatro toneladas, onde a organização da produção era conduzida pelo regatão. Atualmente o óleo de copaíba além de ser muito utilizado para fins medicinais e como combustível para lamparinas, é largamente comercializado pelos moradores da RESEX (Salazar, 2007 pg. 25).

Levando em consideração o histórico de comercialização de óleo de copaíba na RESEX Riozinho do Anfrísio e a indicação da região do Alto Riozinho como detentor da área de maior abundância de copaíba (Salazar, 2007 pg. 74), o levantamento do potencial produtivo de óleo e a estimativa de densidade de copaíba é de extrema importância para o processo de organização e comercialização do produto, uma vez, que tais informações podem servir como base na tomada de decisão para introdução ou não das práticas de manejo e certificação.

1.2 METODOLOGIA

O levantamento do potencial de copaíba na RESEX foi dividido nos níveis, macro e micro-levantamento. O levantamento macro se deu a partir da identificação das áreas de ocorrência de copaíba e o levantamento micro a partir da estimativa da densidade e distribuição de copaíba áreas amostrais na RESEX, realizados no período de 15/11 a 04/12/2007. Por meio da combinação de ambos os dados, foi possível estimar a capacidade produtiva de copaíba nas áreas potenciais da RESEX.

O **Levantamento em escala macro** foi realizado através da identificação, localização e estimativa do tamanho das áreas com alta e média ocorrência de copaíba não furadas, no qual foram utilizadas mapa de produção, informações de três informantes chaves. Para estimativa do tamanho das áreas foi utilizado o programa ArcView.

O **Levantamento em escala micro** foi realizado através de levantamento *in situ* em quatro localidades da RESEX apontadas pelos moradores como de baixo, médio e alta densidade de copaíba. No baixo riozinho a amostra foi na localidade "São Pedro", no médio

riozinho localidade “Boa Saúde” e no alto Riozinho foram amostradas as localidades “Paulo Afonso” e “Najazal” (Anexo 1). Este levantamento foi realizado em transectos trilhas que variaram de 1.000m x 50m a 3.000mx50m (Quadro 1).

Quadro 1. Localidade e tamanho das áreas amostrais de copaíba na RESEX Riozinho do Anfrísio.

Região	Localidade	Transecto (m)
Baixo Riozinho	São Pedro	2.800 x 50
Médio Riozinho	Boa Saúde	3.000 x 50
Alto Riozinho	Najazal	1.000 x 50
	Paulo Afonso	1.000 x 50

O levantamento contou com participação dos moradores da área que quantificaram e identificaram as árvores de copaíba encontradas. Destas, tanto das árvores jovens quanto das adultas, foram mensurados e anotados o CAP e as coordenadas geográficas com auxílio de GPS modelo GPS Morp 60C5X (Anexo 1).

Os dados obtidos por meio do levantamento do potencial de copaíba possibilitaram também a realização de uma análise da distribuição espacial da copaíba. Nesta análise foi utilizada a distribuição de Poisson, aplicada para eventos raros e independentes, pois a copaíba tem uma baixa densidade e distribuição aleatória (ao acaso) nas florestas naturais.

1.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

1.3.1 LEVANTAMENTO EM ESCALA MACRO

Segundo os informantes-chaves e moradores da área foram identificadas três áreas com ocorrência de copaíba com média e alta densidade de árvores que não foram furadas ainda. As outras áreas segundo eles há pouca copaíba e a maioria delas já teve seu óleo extraído, já foram furados. Tomando como base o mapa de produção, gerado durante o levantamento sócio econômico e ambiental, essas áreas foram identificadas pelos informantes usando lápis colorido e o principal critério utilizado na localização foram os igarapés e braços de igarapés (Figura1). Vale lembrar que estes informantes são pessoas conhecedoras das áreas, pois percorram as mesmas em outras épocas e para demarcação da reserva.

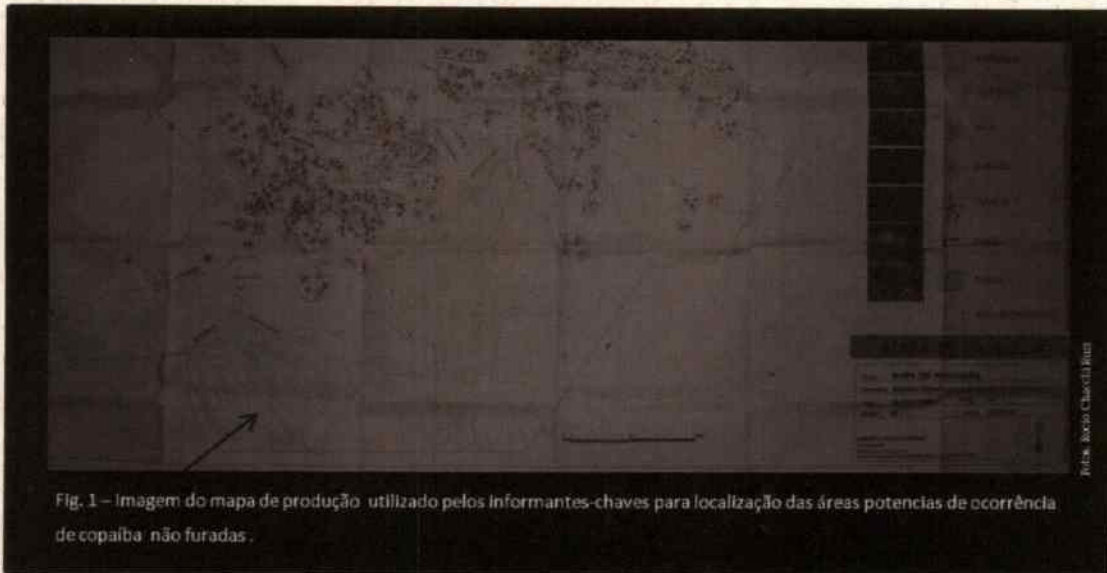


Fig. 1 – Imagem do mapa de produção utilizado pelos informantes-chaves para localização das áreas potenciais de ocorrência de copaíba não furadas.

Com as informações de identificação e localização das áreas de ocorrência foram definidos três áreas com ocorrência de copaibas não furadas na RESEX. As áreas 1, 2 e 3 correspondem a: polígono 1 de cor verde musgo, polígono 2 de cor verde escuro e polígono 3 de cor verde claro, respectivamente. As áreas 1 e 2 estão localizadas na região do médio riozinho que juntos totalizam uma área de aproximadamente 188.399 hectares e a área 3 situada no alto riozinho possui uma área de aproximadamente 90.228 hectares (Figura 2).

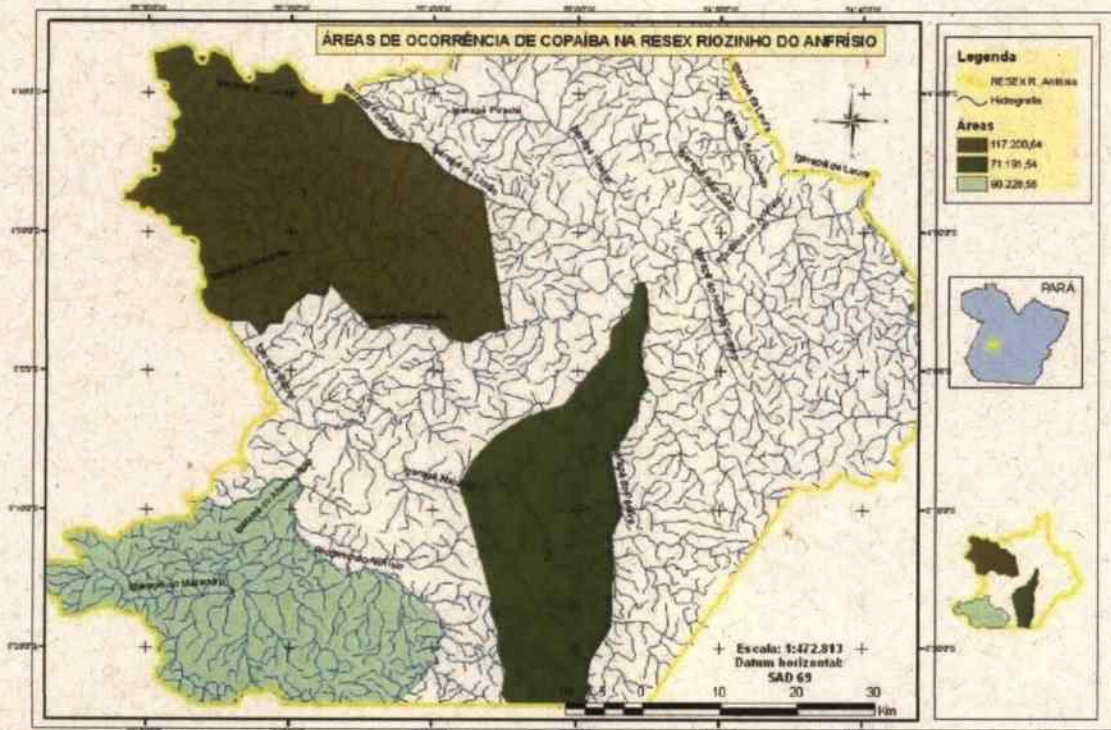


Fig. 2. Mapa com as áreas de ocorrência de copaiba na RESEX Riozinho do Anfrísio.

A identificação de áreas com ocorrência de copaíba não furadas são importantes para planejar a exploração futura uma vez que ainda as copaíbas furadas não voltam a produzir a mesma quantidade inicial, segundo Jurandir essa volume não chega a 20% do óleo da primeira coleta. E, considerando o histórico de produção da RESEX pensar em contratos futuros torna necessário que tenha um mínimo de copaíba não furadas para planejar um ciclo de descanso de no mínimo 3 anos.

1.3.2 LEVANTAMENTO EM ESCALA MICRO

Foram amostrados nas regiões do Baixo, Médio e Alto Riozinho uma área total de 39 hectares, na qual foram identificadas 165 árvores de copaíba. Na região do baixo Riozinho foram identificadas seis árvores de copaíba em 14 hectares. Na região do médio riozinho foram identificadas 31 árvores de copaíba em 15 hectares. E na região do alto riozinho foram identificadas 137 árvores de copaíba em 10 hectares (Quadro2 e Anexo 1). Do total de árvores de copaíbas reconhecidas, 65 apresentam diâmetro acima de 40 cm considerados indivíduos adultos produtivos. Os demais (99) encontram 93% são indivíduos com DAP entre 5 cm e 20 cm, e 7% são indivíduos de DAP entre 20 a 39 cm.

Quadro 2. Localidade e quantidade de área amostradas por região.

Região	Localidade	Área Amostrada (ha)	Número De copaíba encontradas	Número de copaíbas	
				adultas	jovens
Baixo Riozinho	São Pedro	14	6	4	2
Médio Riozinho	Boa Saúde	15	21	20	1
Alto Riozinho	Najazal	5	31	11	20
	Paulo Afonso	5	106	30	76
Total		39	165	65	99

Os dados acima citados corroboram com os dados sócio-econômicos de Salazar (2007; pg. 74), especificamente com a informação que a região do Alto Riozinho indicado como a área de maior abundância de copaíba. No presente estudo esta mesma região, apesar de ter sido a menor área amostrada (10 ha), foi a que apresentou maior número de árvores de copaíba identificadas (137 árvores).

1.3.2 ESTIMATIVA DA CAPACIDADE PRODUTIVA DE COPAÍBA

Para realizar a estimativa da capacidade produtiva utilizando o número de indivíduos absolutos encontrados nas 4 amostras realizadas na RESEX utilizou-se a metodologia de Poisson, aplicada para eventos raros como a copaíba (Alexandre *et al*, 2007). A distribuição de Poisson apresenta um intervalo de confiança do número de plantas levantadas o que ajuda na tomada de decisão para realizar ou não o manejo de uma determinada espécie. É válido ressaltar que para se ter um menor erro na avaliação é necessário ter um grande número de indivíduos amostrados, sendo recomendável ampliar, na medida do possível o número áreas amostradas.

Quadro 3. Estimativa de acordo com Poisson.

Região	Localização das áreas do levantamento	Área amostrada (ha)	Densidade (n°. cop/ha)	Intervalo de confiança da Distribuição de Poisson (95% de probabilidade)		Estimativa do n°. de copaíba em 100 ha
				Limite inferior (n°.cop/ha)	Limite superior (n°.cop/ha)	
Baixo Riozinho	São Pedro	14	0,29	0,10	0,74	10 a 74
Médio Riozinho	Boa Saúde	15	1,33	0,85	2,06	85 a 206
Alto Riozinho	Najazal	5	2,20	1,15	3,96	115 a 396
	Paulo Afonso	5	6,00	4,17	8,57	417 a 857
Total		39				627 a 1.533

De forma a se obter uma estimativa geral do potencial de copaíba ou da capacidade de extração do óleo de copaíba na RESEX, principalmente nas três áreas identificadas como potenciais que correspondem a uma área total de 278.628 hectares, 37,83% da área total da RESEX, os resultados da amostragem das localidades correspondentes foram suplantados em 30% da área dos polígonos 1, 2 e 3 (Quadro 4).

Quadro 4. Estimativa do potencial de copaíba em 30% das áreas identificadas com potencial de copaíba não furadas.

Região	Área estimada (ha)	30% da área estimada	Intervalo de confiança da Distribuição de Poisson (95% de probabilidade)		Estimativa do n.º. de copaíba em 100 ha	Estimativa do n.º. de copaíba na área estimada	
			Limite inferior (n.º.cop/ha)	Limite superior (n.º.cop/ha)			
Médio Riozinho	Polig1	117.201	35.160	0,85	2,06	85 a 206	29.886 a 72.430
	Polig2	71.200					18.156 a 44.001
Alto Riozinho	Polig3	90.228	27.068	1,15	3,96	115 a 396	31.129 a 107.191
Total		278.628	83.588				79.171 a 223.622

Considerando um rendimento mínimo de 1 litro de óleo por copaíba (dados do Acre) tem-se uma estimativa de estoque de 30 a 70 toneladas de óleo em 35.160 hectares na área 1 e de 18 a 44 toneladas de óleo em 21.360 hectares da área 2 ambas do “Médio Riozinho”; e ainda, de 31 a 107 toneladas de óleo em 27.068 hectares da área 3 no “Alto Riozinho”.

Observando-se o ciclo de três anos de extração de óleo tem-se um estoque mensal de 2.000 a 6.000 litros nos 83.588 hectares.

CAPÍTULO 2 – CAPACITAÇÃO EM TÉCNICAS DE EXTRAÇÃO

2.1 INTRODUÇÃO

Após a áurea época de produção de borracha nos anos 80, o garimpo seguido da extração dos recursos naturais das florestas e rios tornou-se as principais fontes de rendas na Região do RESEX Riozinho do Anfrísio. Nos anos 90 houve um aumento na procura de óleo de copaíba, sendo registrado em 1999 o auge de maior exploração de copaíba. Após este registro não houve mais relatos de explorações expressivas, restando a dúvida se este foi devido a falta de organização ou devido a redução da produtividade em função da retirada do óleo sem técnicas adequadas de manejo (Salazar, 2007 pg. 18)

Segundo Salazar (2007, pg. 74) a redução da produtividade se deu por meio da grande perda de árvores de copaíba devido o manejo inadequado da espécie, o que tem levado uma busca por novas áreas. Este autor sugere a realização de curso de capacitação em técnicas adequadas de extração, identificação, filtragem, armazenamento e transporte da copaíba para o aumento da produtividade, exploração sustentável e obtenção de óleo de copaíba de qualidade.

Sabe-se que a extração de óleo de copaíba na RESEX Riozinho do Anfrísio é realizada com o uso de trado, uma bica para coletar o óleo num recipiente e um torno para fechar o furo. São feitos vários furos até achar o óleo e exploram todo o óleo de uma única vez e esperam 6 meses para retornar a mesma árvore. A extração é feita durante todo o ano. Em alguns lugares a coleta é feita no verão e em outras no inverno principalmente nos lugares de difícil acesso. E, segundo os mais experientes há quatro qualidades de óleo de acordo com a viscosidade (Salazar, 2007 pg 72).

No entanto é necessário conhecer melhor quais os critérios utilizados na exploração atual e quais as limitações para um ajuste nas práticas de exploração atual e os custos para se chegar a uma coleta sustentável.

2.2 METODOLOGIA

A capacitação foi subdivida em três partes: 1-Levantamento da prática de extração atual, 2-capacitação em técnicas de extração e 3-reunião comunitária sobre comercialização de PFNM.

O levantamento da **prática de extração atual** se deu por meio de entrevistas por pauta realizadas com os informantes-chave identificados durante o levantamento sócio econômico realizado por Salazar em 2007 e durante a reunião comunitária para o tratamento de questões básicas de viabilização da comercialização de produtos florestais não madeireiros (PFNM). As entrevistas por pautas possuem a vantagem de apresentar certo grau de estruturação e possibilitar que o entrevistado fale livremente (Gil, 2000). Estas foram norteadas por três pontos relacionados entre si, dos quais foi possível identificar os critérios, materiais e métodos utilizados na prática de exploração de óleo de copaíba (Anexo 2 e Item 2.3.3).

A **capacitação em técnicas de extração** se deu por meio de conversas individuais ou familiares junto aos principais extratores de copaíba da RESEX, com uso de apresentação em PowerPoint Métodos de extração tradicional, métodos sustentáveis utilizadas na extração de óleo de copaíba em outras regiões como no Estado do Acre, Amazonas e Rondônia; usos da copaíba; usos e tipos de óleo de copaíba; e, comercialização de produtos florestais não madeireiros (Anexo 3); vídeo com duração de 10 min. sobre o manejo sustentável de copaíba na RESEX Chico Mendes; e amostra de material (kit copaíba) utilizado por comunidades que detêm a certificação pelo FSC¹ em comunidades no Acre (Figura 5).

¹ FSC é uma sigla em inglês de *Forest Stewardship Council* que significa Conselho de Manejo Florestal.

Na reunião comunitária foram abordados de forma geral: i) a cadeia produtiva de copaíba, desde a produção até a comercialização dos produtos e os principais fatores que compõe e interfere a cadeia produtiva, na forma de diálogo interativo com uso de material visual (Figura 3); ii) Os passos para a comercialização de produtos florestais não madeireiros. Para tal foram confeccionados materiais didáticos visuais do tipo “cartazes” (Figura 2); as atividades já realizadas na RESEX, as atividades realizadas pela equipe nesse período e os resultados esperados relacionando-os com os passos sugeridos.

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.3.1 LEVANTAMENTO DA PRÁTICA DE EXTRAÇÃO DE ÓLEO DE COPAÍBA

Foram entrevistados cinco informantes-chave, dos quais foram solicitados para relatar a atividade de exploração de copaíba descrevendo os três pontos norteadores da entrevista: procedimentos tomados i) antes da furação, ii) durante a furação e iii) depois da furação. Tais procedimentos encontram-se descritos a seguir, os quais foram agrupados por temas:

2.3.1.1 ANTES DA FURAÇÃO

a) Materiais Utilizados

1- Quando vai para perto prepara os seguintes materiais: carote de 10 litros, bica, trado, que são levados no jamaxim;

2- Quando vai para longe prepara os seguintes materiais:

Para tirar e armazenar o óleo:

trados de várias grossuras; bica; facão; funil; jamaxim; e, carote ou tambor de plástico de 10, 15, 20 até de 50 litros; uns levam dois carotes de 20 litros; outros levam carotes de 20 e 50 litros e de 15 l; e há ainda aqueles que levam quatro carotes de 20 l, dois de 50 l e um de 15l; já chegou a levar até 6 tambores de 50 e 20 litros;

Para sua alimentação:

- faz uma compra de rancho (café, milho, leite, sal, açúcar, óleo) e faz farinha;

Para permanecer no local e montar acampamento:

- separa o material que vai levar: espingarda, machado, terçado, palha, lanterna; faz uma compra de munição, plástico para fazer barraca (lona), sabão e isqueiro, anzol, linha para pescar; e prepara a canoa.

b) Tempo de permanência na área de coleta

- Quando vai para perto volta o mesmo dia;
- Quando vai para longe ficam na mata um ou dois meses. Quando vai muita gente ficam de 8 a 10 dias e quando vão apenas de dupla passam até 30 dias num só local.

c) Meio utilizado para chegar às áreas de coleta

- Quando o rio está cheio vai de canoa a remo, quando está seco vai a pé;
- Vai de canoa ou motor até onde dá;
- Vai a pé: perto umas 3 horas de viagem e uns 3 dias subindo de canoa para chegar no ponto de furar;
- Vai durante o inverno nos lugares longes;
- Pega canoa e chegando na boca vai um dia de viagem e faz o barraco.

d) Época que saem para furar copaíba

- Depois que termina a castanha (maio a julho);
- Maio, junho e julho é a melhor época de furar;
- Fura nos meses que chove mais pouco, maio a dez (em ano que chove pouco).

e) Número de pessoas que participam da coleta

- 1 - Quando vão a áreas próximas: sempre que pode vão de 2, em dupla;
- 2- Quando vão a lugares distantes: vão em grupo de até seis pessoas; quando vai muita gente fica de 8 a 10 dias; quando vão 2 pessoas passa até 30 dias só num local.

f) Lugares onde procuram copaíba

- Procura na terra firme e no baixo de grota, no baixão do rio não existe;
- Onde tem cipoal não tem copaíba;
- Já sai direto nas áreas que acha que vai encontrar;
- Vão para a região que sabem que não foi furada;
- Caça copaíba num lugar que seja mais serrado em mata alta, sem ser cipoado.

g) Descrição de como é feito o trabalho chegando à área de coleta

- Quando acha um limpo arma a barraca e sai procurando copaíba;
- Outro vai fazendo caminho atrás da árvore para tirar o óleo;
- Quando está com outra pessoa um vai procurando copaíba e o outro vai furando;
- Vai fazer caminho procurando e furando até quando encher as vasilhas que levou;
- Marca as de um metro de rodo para frente;
- Achando a copaíba (óleo), enche as vasilhas que dá no lugar e deixa tudo ajeitado para os bichos não mexerem.



2.3.3.2 DURANTE A FURAÇÃO

h) O que fazem para saber onde está o óleo

- Olha o jeito da árvore, se a árvore tiver mais inclinado o óleo está na costa; se a árvores estiver mais em pé é desse lado que está o óleo;
- Se bate com o terçado e do lado que o baque tá mais visível está mais perto; do lado que o baque está mais longe o óleo tá mais longe;
- Quando a árvore é mais grossa olha o lado da queda e fura do lado da queda; nos outros fura no lado mais bonito; nas copaibas espocadas fura no lado espocado.
- Chega olha para que lado está a queda; não fura nas costas
- do lado que ela bate fofo é do lado que a trinca está mais perto; do lado que a batida é mucisa é mais longe o óleo;
- É difícil a trinca dar no centro da árvore, é sempre do lado;
- Antes de furar bate para saber se é ocada, se é não fura;
- Chega, olha a folha, bate para ver se não é ocada, quando bate meio fofo pode ser água no olho.

i) Em que parte da árvore fazem o furo com o trado

- Para furar procura o lugar mais baixo e fura;
- Fura na altura de um metro acima do chão;
- Fura do lado que tem o galho maior;
- Quando tem trado grande fura 70 cm acima do chão; quando o trado é pequeno fura metro e meio do chão;
- Quando é grossa fura na altura de um metro e quando é fina em meio metro;
- Se for abaixo de 1 metro o porco pode arrancar o torno se não for bem colocado.

j) Grossura das copaibas que são furadas

- Fura só as copaibas que são da grossura de um tambor de 50 litros em diante;
- As filhas são deixadas para furar depois;
- Fura na parte de baixo da árvore, de Joelho, fazendo promessa;
- Fura as copaibas que tem a grossura dos carotes de 20 litros;
- Só fura copaíba acima de um metro.

k) Como é feita a furação

- Antes de furar bate com a costa do facão;
- Quando começa a furar já prepara o tronco para fechar o furo;
- Tora um pedaço de pau, fura um pouco, vai experimentando se o torno dá certo;
- O torno é feito antes de terminar de furar;
- Continua a furar;
- Quando tem muito óleo tira o trado devagarzinho;
- Coloca a bica de ferro;
- Coloca funil no carote para aparar o óleo;
- Quando enche o carote torneia e deixa o torno do lado de fora de mais o menos um palmo; para quando voltar da próxima vez tirar mais fácil;
- Bate o torno e tira
- Quando fura e não encontra, fura do outro na mesma direção só que um pouco mais alto;
- Tira o óleo, põe na vasilha;
- Limpa a sujeira da casca para não cegar o trado;
- Prega a bica;
- Fura com trado de 3/4;
- O trado é da grossura que o regatão traz pra vender...mas o trado com a rosca muito fechada não presta.

l) Número de furos feitos na copaíba

- Normalmente fura 1 vez, mas já chegou a furar 9 vezes para achar a trinca;
- O trado usado é de 3/4 pequena, do jeito que compra na rua; na copaíba grossa tem que furar umas 10 vezes para chegar na trinca.

m) Madeiras usadas para fechar o furo

- Só fecha com torno as copaíbas que produzem; as que não produzem não fecha porque elas fecham por conta;
- Usa as madeiras moles para fazer o tronco;
- Só coloca na vasilha o óleo, sem água;
- Fecha com torno; usa louro ou cacau, mulatinho;
- Deixa o torno grande e dentro uns 20 cm porque a copaíba tem muita força;
- Torno: usa louro quando tem, quando não tem usa o "larga gaia".

n) Quando volta a furar na mesma área e na mesma copaíba

- Coloca o torno e deixa inteiro até 3 e 4 anos e depois corta para furar uma próxima vez;
- Volta furar de novo conforme a mata, se tiver pouquinho deixa de 3 e 4 anos até voltar de novo conforme a precisão;
- Se a mata tiver muito, volta mais vezes para furar as filhas que cresceram; volta de ano em ano;
- Não pode tirar direto porque se não esgota, não morre mas não cria mais óleo;
- Tem copaíba que furou em 97 e 98 e até agora não voltou lá; outras que furou em 2002, voltou lá tirou 10 e quando voltou tirou 10 litros;
- Fura e não gosta de despescar;
- Volta a tirar o óleo das árvores furadas de 5 a 6 meses
- Vai abrindo novas e vai olhando as que ficaram para trás
- As copaíba furadas que tira o óleo e volta 15 dias depois;
- Depois deixa passar 3 a 6 meses para voltar de novo;
- Depois deixa descansar 1 ano.

o) "Ciência" da copaíba

- A ciência da copaíba de que na hora que fura e faz uma zuada, se se espantar o óleo sobe, mas no outro dia pode bater no tronco que ela volta toda;
- Quando fura não pode se admirar do óleo que está saindo;
- Não se baseia na lua;
- Fura qualquer época, não se preocupa com a lua.

p) Como sabe que tipo de óleo vai dar a copaíba e quais a qualidades de óleo que tem na RESEX

- A copaíba de óleo fino tem casca branca; e a do óleo grosso tem a casca vermelha.
- Copaíba cheia de "caraca" e é bem empinada - tem óleo mais grosso, que tem que esperar mais tempo para escorrer;
- Conhece a copaíba malhada do óleo bem fininho; casca grossa - óleo grosso;

tipos de copaíba que tem na região:

preta= produz óleo fino

branca= as vezes branca e meio clara

vermelha= óleo grosso vermelho da cor de gasolina; melhor de óleo

Tem 3 qualidades de óleo

- 1) fininha - copaíba branca- a casca é branca - o óleo é igual a água do rio
- 2) igual a óleo de soja - copaíba preta- a árvore é meio escura
- 3) grossa igual a mel - copaíba vermelha - casca vermelha

2.3.3.2 DEPOIS DA FURAÇÃO

q) Como armazena o óleo depois de tirado

- coloca todo óleo junto (fino e grosso);
- "junta todo o óleo numa vasilha só";
- guarda o óleo nas garrafas de plástico e tambor durante 1 ano, depois de 1 ano quando cria borra tem que trocar a vasilha e coar de novo;
- chegando em casa tira o óleo da vasilha e troca para outra maior para juntar tudo num só;
- usa garrafas de fanta de 2 litros
- os compradores preferem o óleo nas vasilhas brancas para saber se tem sujeira

r) O que fazem depois de tirar o óleo

- coa na área ou quando chega em casa
- "côa o óleo com um pedaço de pano";
- coloca na vasilha e traz para coar em casa; côa com pano; passa para uma vasilha maior
- Côa no pano
- quando chega em casa côa o óleo e coloca em outra vasilha
- Antigamente coava, mas hoje não côa porque não tem com que coar, mas tirar o bagaço.

s) Onde e durante quanto tempo guardam o óleo

- Depois bota no jamaxim e transporta para a canoa;
- Traz o óleo para casa
- Guarda o óleo em casa esperando a chegada do comprador;
- Espera o regatão comprar
- Já chegou a esperar até 3 meses para vender o óleo
- O óleo chega a ficar até 5 meses guardado sem poder vender
- Não pode deixar no sol porque o carote resseca, tufa e quebra;
- Às vezes quando o comprador não está na porta o óleo fica guardado até 2 meses.

2.3.2 CAPACITAÇÃO EM TÉCNICAS DE EXTRAÇÃO

A capacitação através de conversas individuais ou familiares foi utilizada os seguintes materiais:

- Apresentação de lides em PowerPoint sobre os métodos da extração tradicional, métodos sustentáveis utilizadas na extração de óleo de copaíba em outras regiões como no Estado do Acre, Amazonas e Rondônia; usos da copaíba; usos e tipos de óleo de copaíba; e, comercialização de produtos florestais não madeireiros teve como principal objetivo gerar um diálogo sobre o que vem sendo trabalhado com a copaíba em outras regiões da Amazônia por extrativistas e comunidades indígenas (Anexo 3);
- Vídeo com duração de dez minutos sobre o projeto de manejo sustentável de copaíba na RESEX Chico Mendes – Acre, experiência que resume o trabalho da Universidade Federal do Acre (UFAC) com apoio da Fundação Ford cuja principal finalidade foi de ouvirem o depoimento de extrativistas sobre o que significa o manejo de copaíba na RESEX;
- Apresentação do kit copaíba e como montá-lo. Foram deixados 3 kits. Cada kit com 2 trados, de 2 tamanhos (1 metro e 1,2m), lima, mangueira, cano, arco de serra, serra e carotes (bombonas) de 05 litros² com objetivo de terem contato com o kit e experimentarem seu uso quando forem a campo (Figura 5).

² Os carotes (bombonas) adquiridos foram de capacidade 05 litros porque não se encontrou de maior quantidade no comércio de Altamira.

O kit copaíba é composto por: trado de três quartos de polegada (3/4") de um metro e vinte (1,20m); Vasilhame (carote) escuro de 20 litros com tampa e funil para engate; Cano de PVC de meia polegada (1/2"); Tarraxa (para fazer rosca) de meia polegada (1/2"); Mangueira de borracha de três quartos de polegada (3/4") de um metro e meio (1,50m); Tampa para cano de PVC de meia polegada (1/2"); lima triangular, arco de serra e serra para cano (Leite, *et al*, 2001; Porto Dias, 2003). A apresentação do kit visou estimular os moradores a adquirirem o kit e utilizarem as "boas" técnicas de extração do óleo.

Apesar do tamanho do trado ter causado certo impacto nos comunitários, após uma reflexão alguns comentaram que um trado maior que o tamanho normal (geralmente de 60 cm) pudesse ajudar a diminuir o número de furos e o problema de furar as árvores mais grossas. Outros sugeriram que o tamanho ideal, talvez, fosse de 90 cm. Visando facilitar a discussão para definição do tamanho ideal do trado de copaíba na RESEX, foram deixados 04 kits de copaíba com três extratores de óleo de forma que estes juntamente com os demais comunitários avaliem e analisem o "melhor" tamanho do trado a ser utilizado na RESEX.



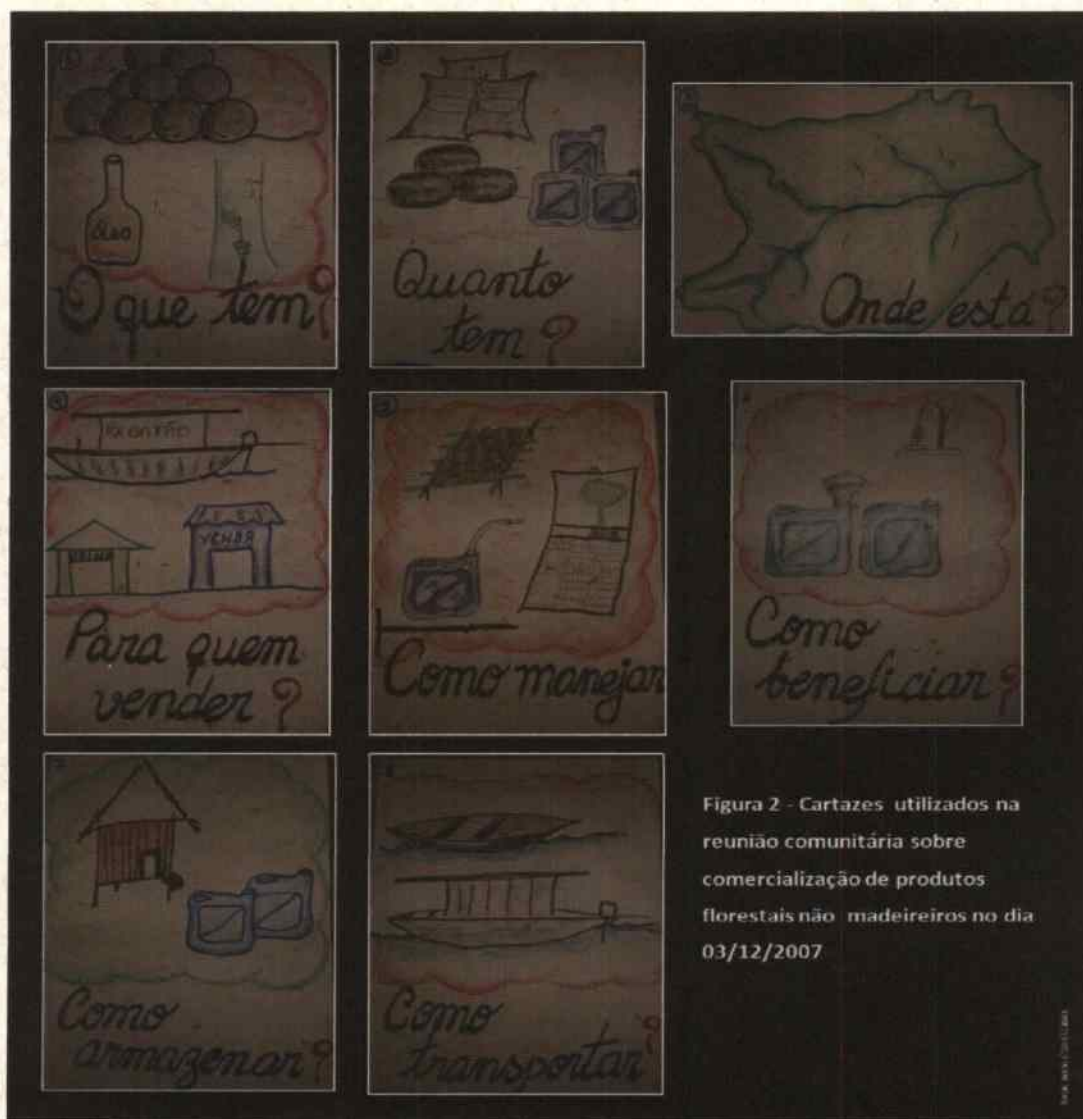
Figura 5 – Imagens de coleta de óleo de copaíba na RESEX Ilhéu do Anfrísio.

- a) Furando a copaíba
- b e c) Coletando o óleo de copaíba
- d) Demonstração de furacão na localidade São Pedro
- e) Óleo de copaíba, trado e bica

2.3.3 REUNIÃO COMUNITÁRIA SOBRE COMERCIALIZAÇÃO DE PFNM

Na reunião comunitária foram tratadas as questões básicas para viabilização da comercialização de produtos florestais não madeireiros (PFNM) tomando como exemplo a cadeia produtiva da copaíba, castanha e borracha. Na pauta inicial da reunião foram abordadas as questões que precisam ser analisadas e/ou respondidas para realizar a comercialização de um produto da floresta (Figura abaixo). Tais questões se encontram descritas a seguir:

1. O que tem?
2. Quanto tem?
3. Onde está?
4. Para quem vender?
5. Como manejar?
6. Como beneficiar?
7. Como armazenar?
8. Como transportar?



A construção da Cadeia produtiva simplificada da copaíba junto com os comunitários deu-se através da montagem de cadeia com uso de desenhos simbólicos para cada elo. Considerando três momentos:

- Primeiro o caminho percorrido pelo produto (óleo de copaíba) desde que sai da mata (produção) até o consumidor final;
- No segundo momento a logística de escoamento dessa produção, ou seja, quais os meios utilizados para tirar esse óleo da área de coleta até chegar ao consumidor final;
- e, terceiro os preços praticados, ou seja, de quanto é pago pelo litro de óleo de copaíba em cada um dos elos e quais os fatores que influenciam nesse preço (ex.: qualidade, época de venda, tipo de comparador, etc) .

Essa construção permitiu um diálogo com os comunitários de como funciona a cadeia atual de copaíba na RESEX. Nesta atividade ficou visível a falta de informação qual o destino do produto depois que é entregue ao regatão ou aos municípios de Uruará e Altamira.

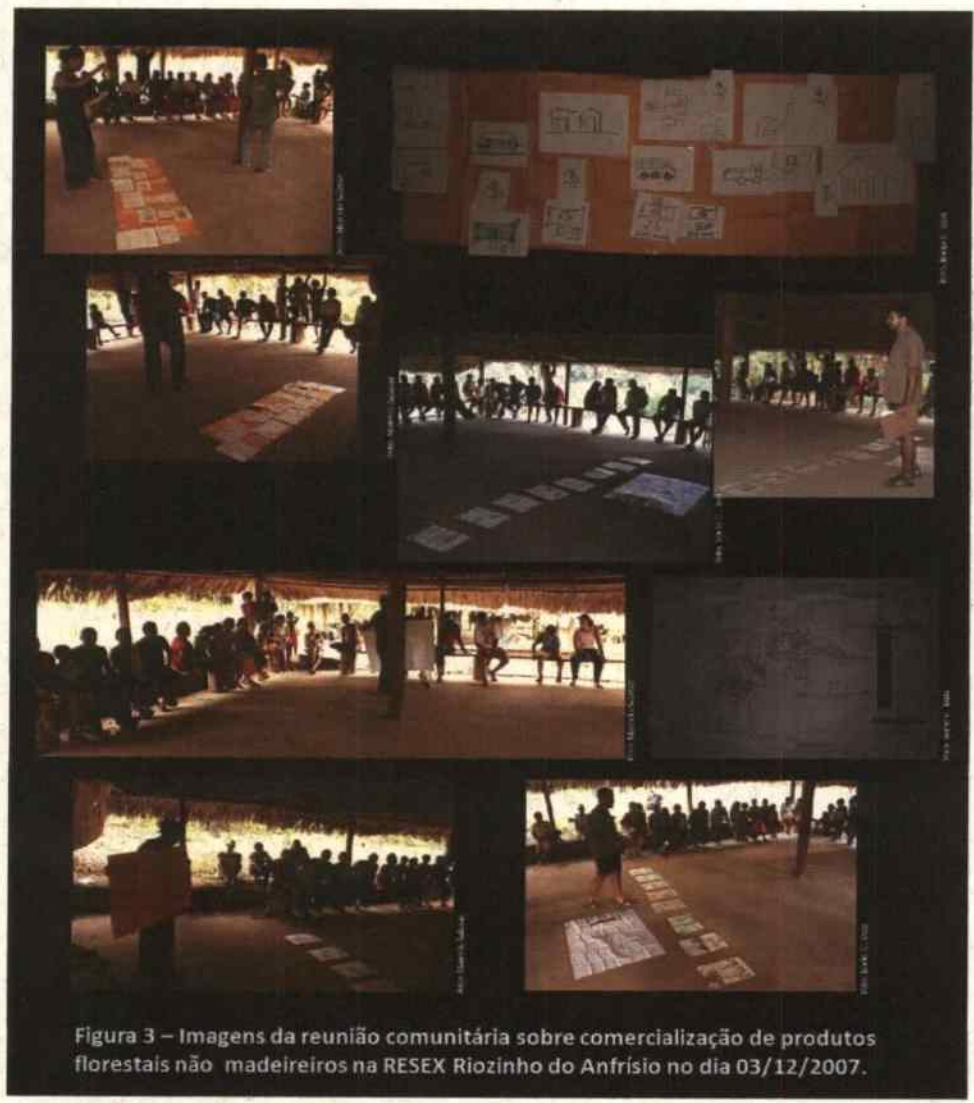


Figura 3 – Imagens da reunião comunitária sobre comercialização de produtos florestais não madeireiros na RESEX Riozinho do Anfrísio no dia 03/12/2007.

3.1 INTRODUÇÃO

A comercialização de PFNMs historicamente em todo o mundo sofrem ciclos de boom e declínio (Homma, ?) influenciados pelos eventos mundiais que afetam diretamente a produção local. Como exemplos clássicos temos a borracha no Brasil, a jarina no equador, o xxx no panamá, entre outros (Alexiades & Shanley, 2004)

No Brasil alguns produtos como x, xx, xxx tiveram seu momento de boom que durou o período de x a x e seu período de declínio. Essas mudanças afetaram diretamente as populações extrativistas que tinham um desses produtos como principal fonte de renda, pois as demais atividades estavam apenas voltadas a subsistência, o que os obrigou a buscarem alternativas de renda em outros produtos extrativistas como a castanha do Brasil, os óleos vegetais como copaíba, andiroba; ou na agricultura como o plantio da mandioca para a produção de farinha.

Na RESEX Riozinho do Anfrísio essa realidade fica evidente quando Salazar (2007) cita que no auge da bonança considerada pelas comunidades foi no período de xxx quando chegaram a produzir x toneladas de borracha. Que a partir de xxx passar a trabalhar com a castanha, pele de animais e com a queda no preço da castanha e proibição de venda de animais silvestres passaram a praticar a comercialização de peixe e óleo de copaíba.

No levantamento sócio-econômico realizado na RESEX Riozinho do Anfrísio foram identificados como produtos comercializáveis da agricultura farinha de mandioca, arroz; da pesca o peixe salgado e peixe no gelo; do extrativismo vegetal e animal a castanha, copaíba, andiroba, óleo de coco de babaçu, seringa, óleo de pataú e mel de abelha (Salazar, 2007).

Portando, a definição de estratégias de fortalecimento e/ou busca de alternativas econômicas na RESEX devem considerar esse histórico na análise das atividades produtivas viáveis.

3.2 METODOLOGIA

A análise das alternativas econômicas se deu a partir da análise de informações secundárias como o relatório sócio-econômico do Riozinho do Anfrísio e as conversas durante a atividade in loco no período de 15/11 a 04/12/2007. As informações analisadas foram: histórico de produção, preços praticados, infra-estrutura e logística para escoamento da produção, apoio técnico e interesse da comunidade.

4.1 INTRODUÇÃO

A certificação é uma ferramenta relativamente nova da política florestal que promove o uso responsável dos recursos através da identificação dos produtos que chegam ao consumidor. Esta se baseia na premissa do futuro aumento da demanda e consumo de produtos que contenham a certificação de boas práticas de manejo e baixo impacto ambiental. Para tal, é necessário que a produção tenha um grau de organização e sofisticação técnica acarretando aumento nos custos de produção o que impede que muitos coletores de PFNMs do mundo inteiro obtenham a certificação por não atenderem a esses pré requisitos, a não ser aqueles em que tem acesso a assistência técnica e financeira contínua (Shanley *et al*, 2002).

Segundo Shanley *et al* (2002) alguns casos excepcionais de PFNMs encontraram os caminhos rumo aos mercados internacionais que são receptivos aos produtos com selos ecológicos. Dentre os vários fatores que tornam difícil a certificação de recursos florestais não madeireiros são pouco compreendidos e pouco se conhece sobre sua ecologia e da maioria das espécies, seu papel social e cultural nas comunidades é complexa e muitos são coletados em áreas de propriedade incerta. Porém, para algumas espécies de PFNMs comercializados, a certificação oferece uma forma de melhorar o acesso aos mercados, para capturar uma parte maior dos benefícios a nível local e comunitário, e para fomentar objetivos mais amplos de conservação. Os autores acreditam que a certificação é só entre muitas ferramentas, em um grupo que procura para chegar os aspectos da manipulação dos recursos associado com o PFNMs. Os regimes de ajuntamento sustentável, a domesticação, a educação e o treinamento dos produtores, a revisão política, a corretagem e a comercialização direta e outros esforços necessariamente completaram a certificação (Shanley *et al* 2002).

No Brasil há casos de certificação do óleo de copaíba pelo FSC em comunidades no Acre, como é o caso da Comunidade Porto Dias e Comunidade São Luiz do Remanso (Shanley *et al*, 2005).

A certificação do óleo de copaíba na RESEX Riozinho do Anfrísio é uma possibilidade considerando principalmente que se trata de uma área com titularidade definida, segundo pela potencialidade de produção de óleo (xxxx) e por ser uma atividade extrativa para os moradores desde a década de 90. No entanto, há a necessidade de se traçar uma estratégia considerando o grau de organização da comunidade, acesso a educação, identificação de compradores entre outros fatores importante para obtenção de um “selo verde”.

4.2 METODOLOGIA

A análise das possibilidades de certificação da produção de óleo de copaíba no Riozinho do Anfrísio se deu a partir de: a) informações: coletadas durante a visita *in loco* no período de 15 de novembro a 06 de dezembro de 2007 onde foram observados o método de extração atual e os níveis de organização comunitária, dentre outras informações relevantes como acesso educação e saúde; e b) através de consulta informal ao IMAFLORA, instituição credenciada para a certificação florestal FSC.

4.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O sistema de extração atual do óleo de copaíba realizado pelos moradores da RESEX Riozinho do Anfrísio tem sido praticada de acordo com o conhecimento e orientação recebida individualmente por cada extrator, seja do pai ou algum conhecido. Apesar disso percebe-se que há um certo padrão na forma de extrair, como o uso do trado, o fechamento do furo de árvores produtoras de óleo e o armazenamento. No entanto, para se obter uma produção sustentável que vislumbra a certificação é necessário que sejam feitas alguns ajustes como:

- Definir as práticas de manejo a serem adotadas por todos os coletores na RESEX (como número de furos, ciclo de coleta, entre outros);
- Estabelecer acordos entre os coletores de copaíba que permitam o cumprimento das regras definidas pelos mesmos. Em anexo (5) se encontra as regras de manejo de duas associações que tem o óleo de copaíba certificado.
- Pensar uma estratégia simples e de baixo custo que permita a rastreabilidade e o monitoramento das árvores exploradas;
- Elaboração de um documento onde constem as práticas definidas e acordadas pelo grupo;
- Propor programas paralelos que possibilitem que mais pessoas possam ler e escrever para facilitar o registro e controle dos processos e coleta do óleo favorecendo a auto-gestão da comunidade;
- Propor a certificadora um programa de certificação modular, onde a comunidade se compromete a atender os princípios e indicadores adotados pelo mesmo de forma gradual e progressiva;
- E, o mais importante de todos é ter os compradores definidos para o produto, e que estejam dispostos a pagar por um produto com esse diferencial. Essa é uma das lições aprendidas pelas comunidades que buscaram a certificação de PFMNs.

CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

5.1 INTRODUÇÃO

Os produtos florestais não madeireiros (PFNM) são recursos florestais chaves na subsistência de comunidades ao mesmo tempo em que constituem importante fonte de renda. A coleta de PFNMs pode causar menor impacto aos ecossistemas florestais se comparado a outros usos, proporcionando benefícios sociais e econômicos para grupos locais e são potencialmente compatíveis com os esforços de integrar o uso e a conservação da biodiversidade (Shanley *et al*, 2002).

Na RESEX Riozinho do Anfrísio que tem um histórico de prática de comercialização e por ser uma atividade que tem o domínio e habilidade dos mesmos os PFNMs são um importante instrumento para viabilizar o desenvolvimento local, gerando um processo de auto-gestão.

Dentre os produtos florestais não madeireiros trabalhado por eles no passado, os comercializados atualmente e os com potencial de comercialização futura aparece a Borracha como uma grande demanda.

O óleo de copaíba neste contexto é um produto florestal não madeireiro amplamente utilizado pela indústria de cosméticos .

5.2 OPORTUNIDADE E DESAFIOS

Aqui serão relacionados alguns aspectos de análise da conjuntura atual da RESEX Riozinho do Anfrísio, das políticas públicas florestais e demandas de mercado que serão apresentados como oportunidades e como desafios que precisam ser superados para alcançar a melhoria de vida, com condições econômicas mais adequadas.

Oportunidades

- Comunidade com grande interesse de se organizar;
- Comunidade com hábitos genuinamente extrativistas;
- Potencial de PFNM na RESEX Riozinho do Anfrísio;
- Capacitação de técnicas de extração;
- Comercialização de Copaíba;
- Apoio técnico que busca a auto-gestão da comunidade;
- Possibilidades de captação de recursos;

- Varias instituições atuando na região com ações complementares;
- Programas do governo federal de apoio as atividades extrativistas;
- Programas estaduais que irão demandar óleos vegetais para o pólo industrial de biocosméticos no Estado do Amazonas.

Desafios

- Organização comunitária;
- Educação;
- escoamento da produção;
- Mercado para os produtos manejados;
- Planejamento integrado das instituições de apoio;
- Adoção de uma abordagem não paternalista por todas as instituições de apoio que atuam na área.

5.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Potencial de copaíba

Embora tenham sido realizados levantamentos em áreas do baixo, médio e alto Riozinho o número de copaíbas produtivas encontradas foram muito baixos para o cálculo da produtividade, isso reflete na média de confiabilidade dos dados do potencial de copaíba. Nas áreas indicadas com potencial de copaíbas não furadas não foram realizados levantamentos. Portanto, é necessário ampliar a amostragem para diminuir a margem de erro, ou seja, encontrar um número maior de copaíbas adultas e realizar levantamentos amostrais nas áreas apontadas com potencial de copaíba não furadas.

Capacitação em técnicas de extração

O levantamento das práticas atuais de extração de óleo de copaíba permitiu conhecer a diversidade dos critérios utilizados na extração de óleo na RESEX Riozinho. Portanto, é necessária a discussão e definição de um sistema de manejo, ou boas práticas que considere as práticas atuais, o conhecimento científico existente e as práticas realizadas em outras regiões da Amazônia, para serem adotados na RESEX.

Que a capacitação seja um processo com abordagem construtivista e não apenas um "curso". Isso além de permitir uma maior reflexão por parte dos extratores atuais e da

comunidade envolvida na comercialização do óleo de copaíba é um mecanismo que promove a auto-gestão da comunidade.

5.4 RECOMENDAÇÕES PARA CONTINUIDADE DO TRABALHO COM PFM NA RESEX

A nível de política pública

- Articular junto ao governo estadual por políticas públicas voltadas a valorização dos PFNMs como incentivos fiscais como a isenção ou redução de impostos para comercialização de produtos in natura e processados ou subsídios a exemplo do que vem sendo realizado no estado do Amazonas (Anexo 5 e 6).
- Articular junto ao governo federal e estadual buscando possibilitar a Amora o acesso aos recursos de programas de valorização dos produtos extrativistas

A nível de associação

- Estimular a organização do grupo, o registro das conversas em ata...;
- Estimular a participação dos jovens nas atividades da associação;

A nível de grupo de coletores de óleo de copaíba

- Discutir com o grupo sobre as práticas atuais e as mudanças necessárias para a adoção de um sistema de produção de óleo de copaíba de qualidade de forma sustentável, no que se refere principalmente a padronização dos métodos, matérias utilizados, número de furos, tempo de descanso e retorno as áreas e copaíba furadas, diâmetro mínimo das copaibas a serem furadas;
- Definido as regras do grupo, discutir quais as penalidades para aqueles que não cumprirem o acordo;
- Como e quais os meios para a compra dos materiais necessários como: trado, solda do trado, mangueira, carotes de vários tamanhos, lima, etc.
- Discutir a forma de comercialização: preço, prazo de entrega, transporte, formas de pagamento

Para buscar a certificação

- Estabelecer acordos comerciais com compradores a médio e longo prazo;

- Discutir e amadurecer a idéia da certificação com a comunidade analisando as vantagens e desvantagens da certificação e suas implicações na prática e no cotidiano das atividades extrativistas (controle, monitoramento, rastreabilidade);
- Definir o tipo de certificação mais adequado para o produto de acordo com a demanda do comprador;
- Planejar as atividades relacionadas a certificação do sistema de manejo de copaíba de uma forma que seja facilmente visualizado pelos coletores e facilite a execução e o monitoramento;

Para alcançar a auto-gestão da comunidade

- É importante que as instituições de assessoria atuem de forma integrada ou ao menos que haja o mínimo de troca de informação entre as ações realizadas para discutirem a forma de abordagem na área, que promova o protagonismo das comunidades nas atividades apoiadas;
- Promover maior articulação entre as instituições de apoio para otimizar e melhorar a captação de recursos a serem investidos na RESEX;
- Minimizar os conflitos ideológicos entre instituições??

Contribuição com o avanço do monitoramento dos PFNMS na Amazônia

- Utilizar metodologias utilizadas por projetos que tem atuação e realização do monitoramento do manejo de PFNM no bioma Amazônia como o Projeto Kamukaia.
- Estabelecimento de parcerias com centros de pesquisa e universidades para subsidiar a melhoria dos sistemas de manejo adotados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALECHANDE, A.; BROWN, F.; CAMPOS, C.A.; RIGAMONTE-AZEVEDO, C.; GOMES-SILVA, D.A.P.; OLIVEIRA, A. (2007) Transecto-trilha: método rápido e de baixo custo para avaliar productos nao madeireiros em florestas tropicais. Rio Branco – AC: UFAC/PROPEG/FUNDAÇÃO FORD/FUNBIO. 38p.il.

ALEXIADES, M.N; SHANLEY, P. (2004). Productos forestales Medios de Subsistencia y Conservación. Estudios de Caso sobre Sistemas de Manejo de Productos Forestales No Maderables. Vol.3 – America Latina. CIFOR. ISBN 979-3361-23-9

Gil, A. C. 1999. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 5 ed. São Paulo: Atlas. 206p.

LEITE, A.; ALECHANDRE, A.; RIGAMONTE-AZEVEDO, C.; CAMPOS, C.A.; OLIVEIRA, A.(2001) Recomendações para o manejo sustentável do óleo de copaíba. Rio: UFAC/SEFE. 38p.il.

SALAZAR, M.; RIBEIRO, A.; TIERNO, C.; STRAATMANN, J.; NEVES, L.; SANTOS, RAQUEL; VASCONCELOS, V. (2007). Diagnóstico socioeconômico. RESEX Riozinho do Anfrísio. Relatório (CG2, versão24/09/2007).

SHANLEY, P.; PIERCE, A.R.; LAIRD, S. A.; GUILLÉN, A. (2002). Explotando el Mercado Verde. Manuales de Conservación Pueblos y Plantas 7. Nordan Comunidad. ISBN (Nordan): 9974-42-117-9

SHANLEY, P.; PIERCE, A.; LAIRD, S. (2005) Além da Madeira: certificação de produtos florestais não madeireiros. Bogor, Indonésia: Centro de Pesquisa Florestal Internacional (CIFOR). ISBN:979-24-4629-x

WARNER, P.D; PONTUAL, A.C. (1994) Manual de Comercialização de Produtos Florestais. Genesys/Brasil. Rio de Janeiro e Washington, D.C.

República Federativa do Brasil. Diário oficial da União Edição Número 215 de 209/11/2004. Decreto de 8 de novembro de 2004. Dispõe sobre a criação da Reserva Extrativista do Riozinho do Anfrísio, no município de Altamira, no estado do Pará.

ANEXOS

ANEXO 1 - LEVANTAMENTO DE COPAÍBA NA RESEX RIOZINHO DO ANFRÍSIO

Ficha de Campo – Levantamento de Copaliba						
RESEX Riozinho do Anfrísio						
Localidade: São Pedro			Data: 27/11/2007			
Equipe: Domingos, Bode e Rocío			Amostra: 01			
Intervalo (m)	Copaíba	Coordenada Copaíba		Tipo de Copaíba	CAP (m)	DAP (m)
0 - 50	1	S 04°52'48,2"	W 054°51'56,8"	Óleo grosso	2,36	0,75
50 - 100	---	---	---	---	---	---
100 - 150	---	---	---	---	---	---
150 - 200	---	---	---	---	---	---
200 - 250	2	S 04°52'823"	W 054°51'848"	Óleo fino	2,84	0,90
250 - 300	---	---	---	---	---	---
300 - 350	---	---	---	---	---	---
350 - 400	---	---	---	---	---	---
400 - 450	---	---	---	---	---	---

450 - 500	---	---	---	---	---	---
500 - 600	---	---	---	---	---	---
650 - 700	---	---	---	---	---	---
700 - 750	---	---	---	---	---	---
750 - 800	---	---	---	---	---	---
800 - 850	---	---	---	---	---	---
850 - 900	---	---	---	---	---	---
900 - 950	---	---	---	---	---	---
950 - 1000	---	---	---	---	---	---
1000 - 1050	---	---	---	---	---	---
1050 - 1100	3	S 04°53'200"	W 054°51'649"	Óleo fino	1,2	0,38
1100 - 1150	---	---	---	---	---	---
1150 - 1200	---	---	---	---	---	---
1200 - 1250	---	---	---	---	---	---
1250 - 1300	---	---	---	---	---	---
1300 - 1350	---	---	---	---	---	---
1350 - 1400	---	---	---	---	---	---
1400 - 1450	---	---	---	---	---	---
1450 - 1500	---	---	---	---	---	---
1500 - 1550	---	---	---	---	---	---
1550 - 1600	---	---	---	---	---	---
1600 - 1650	---	---	---	---	---	---
1650 - 1700	---	---	---	---	---	---
1700 - 1750	---	---	---	---	---	---
1750 - 1800	---	---	---	---	---	---
1800 - 1850	---	---	---	---	---	---
1850 - 1900	---	---	---	---	---	---
1900 - 1950	---	---	---	---	---	---
1950 - 2000	---	---	---	---	---	---
2000 - 2050	---	---	---	---	---	---
2050 - 2100	---	---	---	---	---	---
2100 - 2150	---	---	---	---	---	---
2150 - 2200	---	---	---	---	---	---
2200 - 2250	---	---	---	---	---	---
2250 - 2300	4	S 04°53'646"	W 054°51'863"	Óleo fino	2,35	0,75
2300 - 2350	---	---	---	---	---	---
2350 - 2400	---	---	---	---	---	---
2400 - 2450	---	---	---	---	---	---
2450 - 2500	---	---	---	---	---	---
2500 - 2550	---	---	---	---	---	---
2550 - 2600	---	---	---	---	---	---
2600 - 2650	---	---	---	---	---	---
2650 - 2700	---	---	---	---	---	---

2700 - 2750	5	S 04°53'646"	W 054°51'863"	Óleo fino	0,90	0,29
2750 - 2800	---	---	---	---	---	---
2800 - 2850	6	S 04°53'774"	W 054°51'074"	Óleo fino	2,35	0,75

Ficha de Campo – Levantamento de Copaíba

RESEX Riozinho do Anfrísio

Localidade: Paulo Afonso

Data: 30/11/2007

Equipe: Fernando, Marcelo e Rocio

Amostra: 02

Intervalo (m)	Copaíba	Coordenada Copaíba		Tipo de Copaíba	CAP (m)	DAP (m)
0 - 50	1	S 05° 04' 375"	W 55° 15' 410"	Óleo meio fino	3,35	1,07
0 - 50	2	S 05° 04' 287"	W 55° 15' 657"	Óleo fino	0,20	0,06
50 - 100	3	S 05° 04' 262"	W 55° 15' 667"	Óleo fino	1,30	0,41
50 - 100	4	S 05° 04' 256"	W 55° 15' 645"	Óleo fino	1,20	0,38
50 - 100	5	S 05° 04' 256"	W 55° 15' 631"	Óleo fino	1,80	0,57
50 - 100	6	S 05° 04' 225"	W 55° 15' 618"	Óleo fino	2,00	0,64
300 - 350	7	S 05° 04' 245"	W 55° 15' 518"	Óleo fino	1,14	0,36
300 - 350	8	S 05° 04' 250"	W 55° 15' 514"	Óleo fino	0,79	0,25
350 - 400	9	S 05° 04' 244"	W 55° 15' 519"	Óleo fino	0,81	0,26
350 - 400	10	S 05° 04' 250"	W 55° 15' 518"	Óleo fino	1,61	0,51
350 - 400	11	S 05° 04' 217"	W 55° 15' 520"	Óleo fino	1,41	0,45
350 - 400	12	S 05° 04' 232"	W 55° 15' 510"	Óleo fino	1,88	0,60
400 - 450		---	---			
450 - 500	13	S 05° 04' 213"	W 55° 15' 501"	Óleo fino		0,51
450 - 500	14	S 05° 04' 213"	W 55° 15' 501"	Óleo fino		0,80
450 - 500	15	S 05° 04' 212"	W 55° 15' 517"	Óleo fino		
450 - 500	16	S 05° 04' 206"	W 55° 15' 489"	Óleo fino	50	0,50
450 - 500	17	S 05° 04' 189"	W 55° 15' 507"	Óleo fino	1,70	0,54
450 - 500	18	S 05° 04' 191"	W 55° 15' 508"	Óleo fino	2,07	0,66
450 - 500	19	S 05° 04' 193"	W 55° 15' 510"	Óleo fino	0,88	0,28
450 - 500	20	S 05° 04' 193"	W 55° 15' 485"	Óleo fino	0,63	0,20
450 - 500	21	S 05° 04' 184"	W 55° 15' 486"	Óleo fino		0,70
450 - 500	22	S 05° 04' 177"	W 55° 15' 489"	Óleo fino	1,38	0,44
450 - 500	23	S 05° 04' 177"	W 55° 15' 488"	Óleo fino	0,22	0,07
450 - 500	24	S 05° 04' 182"	W 55° 15' 497"	Óleo fino	0,16	0,05
450 - 500	25	S 05° 04' 183"	W 55° 15' 490"	Óleo fino	0,16	0,05
450 - 500	26	S 05° 04' 185"	W 55° 15' 495"	Óleo fino	0,19	0,06
500 - 550	27	S 05° 04' 178"	W 55° 15' 495"	Óleo fino	0,53	0,17
500 - 550	28	S 05° 04' 174"	W 55° 15' 490"	Óleo fino	0,53	0,17
500 - 550	29	S 05° 04' 175"	W 55° 15' 485"	Óleo fino	0,19	0,06
500 - 550	30	S 05° 04' 171"	W 55° 15' 491"	Óleo fino	0,28	0,09
500 - 550	31	S 05° 04' 171"	W 55° 15' 498"	Óleo fino	0,38	0,12
500 - 550	32	S 05° 04' 165"	W 55° 15' 502	Óleo fino	1,63	0,52
500 - 550	33	S 05° 04' 166"	W 55° 15' 505"	Óleo fino	0,53	0,17
500 - 550	34	S 05° 04' 162"	W 55° 15' 501"	Óleo fino	0,47	0,15
500 - 550	35	S 05° 04' 160"	W 55° 15' 504"	Óleo fino	1,10	0,35
500 - 550	36	S 05° 04' 159"	W 55° 15' 501"	Óleo fino	0,88	0,28

500 - 550	37	S 05° 04' 157"	W 55° 15' 509"	Óleo fino	0,79	0,25
500 - 550	38	S 05° 04' 157"	W 55° 15' 513"	Óleo fino	0,57	0,18
500 - 550	39	S 05° 04' 153"	W 55° 15' 500"	Óleo fino	1,38	0,44
500 - 550	40	S 05° 04' 153"	W 55° 15' 503"	Óleo fino	0,47	0,15
500 - 550	41	S 05° 04' 150"	W 55° 15' 507"	Óleo fino	1,63	0,52
500 - 550	42	S 05° 04' 152"	W 55° 15' 503"	Óleo fino	0,38	0,12
500 - 550	43	S 05° 04' 153"	W 55° 15' 501"	Óleo fino	0,31	0,10
500 - 550	44	S 05° 04' 153"	W 55° 15' 502"	Óleo fino	0,79	0,25
500 - 550	45	S 05° 04' 150"	W 55° 15' 489"	Óleo fino	1,41	0,45
500 - 550	46	S 05° 04' 152"	W 55° 15' 497"	Óleo fino	0,50	0,16
500 - 550	47	S 05° 04' 150"	W 55° 15' 493"	Óleo fino	0,53	0,17
500 - 550	48	S 05° 04' 150"	W 55° 15' 491"	Óleo fino	0,38	0,12
500 - 550	49	S 05° 04' 150"	W 55° 15' 487"	Óleo fino	0,63	0,20
500 - 550	50	S 05° 04' 152"	W 55° 15' 486"	Óleo fino	1,63	0,52
500 - 550	51	S 05° 04' 152"	W 55° 15' 493"	Óleo fino	1,19	0,38
500 - 550	52	S 05° 04' 160"	W 55° 15' 496"	Óleo fino	0,75	0,24
500 - 550	53	S 05° 04' 156"	W 55° 15' 493"	Óleo fino	1,10	0,35
500 - 550	54	S 05° 04' 159"	W 55° 15' 491"	Óleo fino	0,25	0,08
500 - 550	55	S 05° 04' 156"	W 55° 15' 487"	Óleo fino	1,07	0,34
500 - 550	56	S 05° 04' 168"	W 55° 15' 488"	Óleo fino	0,09	0,03
500 - 550	57	S 05° 04' 168"	W 55° 15' 488"	Óleo fino	0,16	0,05
500 - 550	58	S 05° 04' 168"	W 55° 15' 488"	Óleo fino	0,06	0,02
500 - 550	59	S 05° 04' 158"	W 55° 15' 484"	Óleo fino	0,13	0,04
500 - 550	60	S 05° 04' 158"	W 55° 15' 484"	Óleo fino	0,13	0,04
500 - 550	61	S 05° 04' 158"	W 55° 15' 484"	Óleo fino	0,13	0,04
500 - 550	62	S 05° 04' 160"	W 55° 15' 486"	Óleo fino	0,94	0,30
500 - 550	63	S 05° 04' 165"	W 55° 15' 495"	Óleo fino	0,31	0,10
500 - 550	64	S 05° 04' 165"	W 55° 15' 495"	Óleo fino	2,26	0,72
500 - 550	65	S 05° 04' 167"	W 55° 15' 493"	Óleo fino	1,51	0,48
500 - 550	66	S 05° 04' 170"	W 55° 15' 491"	Óleo fino	0,38	0,12
500 - 550	67	S 05° 04' 165"	W 55° 15' 493"	Óleo fino	0,44	0,14
500 - 550	68	S 05° 04' 165"	W 55° 15' 493"	Óleo fino	0,69	0,22
550 - 600	69	S 05° 04' 135"	W 55° 15' 468"	Óleo fino	1,10	0,35
550 - 600	70	S 05° 04' 135"	W 55° 15' 468"	Óleo fino	0,57	0,18
550 - 600	71	S 05° 04' 139"	W 55° 15' 469"	Óleo fino	0,94	0,30
550 - 600	72	S 05° 04' 139"	W 55° 15' 470"	Óleo fino	1,38	0,44
550 - 600	73	S 05° 04' 143"	W 55° 15' 466"	Óleo fino	0,63	0,30
550 - 600	74	S 05° 04' 143"	W 55° 15' 466"	Óleo fino	0,63	0,20
550 - 600	75	S 05° 04' 143"	W 55° 15' 466"	Óleo fino	0,63	0,20
550 - 600	76	S 05° 04' 140"	W 55° 15' 469"	Óleo fino	0,44	0,14
550 - 600	77	S 05° 04' 138"	W 55° 15' 465"	Óleo fino	0,16	0,05
600 - 650	78	S 05° 04' 132"	W 55° 15' 464"	Óleo fino	1,26	0,40
600 - 650	79	S 05° 04' 132"	W 55° 15' 464"	Óleo fino	0,69	0,22

600 - 650	80	S 05° 04' 118"	W 55° 15' 449"	Óleo fino	0,69	0,22
600 - 650	81	S 05° 04' 118"	W 55° 15' 449"	Óleo fino	0,44	0,14
650 - 700	82	S 05° 04' 119"	W 55° 15' 444"	Óleo fino	0,57	0,18
650 - 700	83	S 05° 04' 119"	W 55° 15' 444"	Óleo fino	0,75	0,24
650 - 700	84	S 05° 04' 120"	W 55° 15' 452"	Óleo fino	0,38	0,12
650 - 700	85	S 05° 04' 110"	W 55° 15' 438"	Óleo fino	1,57	0,50
650 - 700	86	S 05° 04' 120"	W 55° 15' 423"	Óleo fino	1,41	0,40
700 - 750	87	S 05° 04' 102"	W 55° 15' 424"	Óleo fino	2,20	0,70
700 - 750	88	S 05° 04' 102"	W 55° 15' 424"	Óleo fino	1,38	0,44
700 - 750	89	S 05° 04' 099"	W 55° 15' 426"	Óleo fino	0,69	0,22
750 - 800	90	S 05° 04' 076"	W 55° 15' 405"	Óleo fino	0,57	0,18
750 - 800	91	S 05° 04' 073"	W 55° 15' 385"	Óleo fino	2,76	0,18
750 - 800	92	S 05° 04' 073"	W 55° 15' 385"	Óleo fino	0,44	0,14
750 - 800	93	S 05° 04' 069"	W 55° 15' 407"	Óleo fino	0,79	0,25
750 - 800	94	S 05° 04' 070"	W 55° 15' 399"	Óleo fino	0,75	0,24
750 - 800	95	S 05° 04' 084"	W 55° 15' 388"	Óleo fino	0,57	0,18
800 - 850	96	S 05° 04' 081"	W 55° 15' 375"	Óleo fino	1,07	0,34
850 - 900	97	S 05° 04' 060"	W 55° 15' 330"	Óleo fino	0,47	0,15
850 - 900	98	S 05° 04' 082"	W 55° 15' 325"	Óleo fino	1,38	0,44
850 - 900	99	S 05° 04' 077"	W 55° 15' 327"	Óleo fino	1,00	0,32
850 - 900	100	S 05° 04' 075"	W 55° 15' 322"	Óleo fino	1,26	0,40
850 - 900	101	S 05° 04' 059"	W 55° 15' 309"	Óleo fino	0,38	0,12
900 - 950	102	S 05° 04' 047"	W 55° 15' 307"	Óleo fino	0,47	0,15
900 - 950	103	S 05° 04' 060"	W 55° 15' 284"	Óleo fino	1,41	0,45
900 - 950	104	S 05° 04' 038"	W 55° 15' 291"	Óleo fino	0,69	0,22
950 - 1000	105	S 05° 04' 031"	W 055 15 261	Óleo fino	2,14	0,68
1000 - 1050	106	S 05° 04' 039"	W 055 15 269	Óleo fino	1,51	0,48

Ficha de Campo – Levantamento de Copaíba

RESEX Riozinho do Anfrísio

Localidade: Najazal

Data: 01/12/2007

Equipe: Zezão, Chico Preto, Simone e Rocio

Amostra: 03

Intervalo (m)	Copaíba	Coordenada Copaíba		Tipo de Copaíba	CAP (m)	DAP (m)
0 - 50	1	S 05° 04' 136"	W 055°16'161"	Óleo fino	1,16	0,37
0 - 50	2	S 05° 04' 135"	W 055°16'152"	Óleo fino	0,67	0,21
0 - 50	3	S 05° 04' 137"	W 055°16'146"	Óleo fino	0,40	0,13
0 - 50	4	S 05° 04' 135"	W 055°16'144"	Óleo fino	0,76	0,24
0 - 50	5	S 05° 04' 135"	W 055°16'144"	Óleo fino	0,40	0,13
0 - 50	6	S 05° 04' 135"	W 055°16'151"	Óleo fino	0,90	0,29
50 - 100	7	S 05° 04' 156"	W 055°16'145"	Óleo fino	0,68	0,22
50 - 100	8	S 05° 04' 168"	W 055°16'148"	Óleo fino	0,83	0,26
100 - 150	9	S 05° 04' 186"	W 055°16'157"	Óleo fino	0,66	0,21
100 - 150	10	S 05° 04' 200"	W 055°16'154"	Óleo fino	1,10	0,35
100 - 150	11	S 05° 04' 200"	W 055°16'146"	Óleo fino	0,40	0,13
350 - 400	12	S 05° 04' 329"	W 055°16'064"	Óleo fino	1,82	0,58
350 - 400	13	S 05° 04' 333"	W 055°16'063"	Óleo fino	0,20	0,20
500 - 550	14	S 05° 04' 365"	W 055°16'060"	Óleo fino	1,55	0,49
600 - 650	15	S 05° 04' 402"	W 055°16'043"	Óleo fino	0,50	0,16
800 - 850	16	S 05° 04' 520"	W 055°16'079"	Óleo fino	1,40	0,45
800 - 850	17	S 05° 04' 530"	W 055°16'100"	Óleo fino	1,33	0,42
850 - 900	18	S 05° 04' 547"	W 055°16'088"	Óleo fino	1,21	0,39
850 - 900	19	S 05° 04' 562"	W 055°16'089"	Óleo fino	1,45	0,46
850 - 900	20	S 05° 04' 560"	W 055°16'098"	Óleo fino	1,60	0,51
850 - 900	21	S 05° 04' 547"	W 055°16'093"	Óleo fino	1,75	0,56
850 - 900	22	S 05° 04' 561"	W 055°16'138"	Óleo fino	0,90	0,29
850 - 900	23	S 05° 04' 555"	W 055°16'118"	Óleo fino	1,10	0,35
850 - 900	24	S 05° 04' 564"	W 055°16'116"	Óleo fino	2,22	0,71
850 - 900	25	S 05° 04' 557"	W 055°16'118"	Óleo fino	0,90	0,29
850 - 900	26	S 05° 04' 569"	W 055°16'105"	Óleo fino	1,30	0,41
850 - 900	27	S 05° 04' 562"	W 055°16'102"	Óleo fino	0,90	0,29
850 - 900	28	S 05° 04' 567"	W 055°16'097"	Óleo fino	1,25	0,40
900 - 950	29	S 05° 04' 560"	W 055°16'087"	Óleo fino	0,50	0,16
900 - 950	30	S 05° 04' 564"	W 055°16'087"	Óleo fino	0,80	0,25
900 - 950	31	S 05° 04' 589"	W 055°16'080"	Óleo fino	0,80	0,25

Ficha de Campo – Levantamento de Copaíba

RESEX Riozinho do Anfrísio

Localidade: Boa Saúde

Data: 01/12/2007

Equipe: Porrodó, José e Rocio

Amostra: 04

Intervalo (m)	Copaíba	Coordenada Copaíba		Tipo de Copaíba	CAP (m)	DAP (m)
0 - 50	1	S 04° 57' 007"	W 055° 08' 759"	Óleo fino	1,51	0,48
100 - 150	2	S 04° 57' 066"	W 055° 08' 831"	Óleo fino	2,38	0,76
150 - 200	3	S 04° 57' 090"	W 055° 08' 795"	Óleo fino	2,29	0,73
250 - 300	4	S 04° 57' 104"	W 055° 08' 916"	Óleo fino	1,70	0,54
600 - 650	5	S 04° 57' 035"	W 055° 09' 028"		1,42	0,45
650 - 700	6	S 04° 57' 947"	W 055° 09' 005"	Óleo fino	2,10	0,67
750 - 800	7	S 04° 56' 914"	W 055° 09' 042"		2,64	0,84
1100 - 1150	8	S 04° 56' 766"	W 055° 09' 168"		1,83	0,58
1350 - 1400	9	S 04° 56' 659"	W 055° 09' 213"		3,14	1,00
1350 - 1400	10	S 04° 56' 653"	W 055° 09' 188"	Óleo fino	2,85	0,91
1900 - 1950	11	S 04° 56' 527"	W 055° 09' 413"		1,73	0,55
2000 - 2050	12	S 04° 56' 530"	W 55° 09' 453"		2,13	0,68
2050 - 2100	13	S 04° 56' 539"	W 055° 09' 499"	Óleo grosso preto	1,69	0,54
2200 - 2250	14	S 04° 56' 586"	W 055° 09' 556"	Óleo fino preto	2,04	0,65
2400 - 2450	15	S 04° 56' 491"	W 055° 09' 606"	Óleo fino preto	1,24	0,39
2400 - 2450	16	S 04° 56' 487"	W 055° 09' 624"	Óleo fino preto	1,86	0,59
2400 - 2450	17	S 04° 56' 488"	W 055° 09' 600"	Óleo fino	1,56	0,50
2400 - 2450	18	S 04° 56' 482"	W 055° 09' 616"		1,46	0,46
2600 - 2650	19	S 04° 56' 376"	W 055° 09' 558"	Óleo fino	1,33	0,42
2650 - 2700	20	S 04° 56' 376"	W 055° 09' 558"	Óleo fino	1,93	0,61
2850 - 2900	21	S 04° 56' 281"	W 055° 09' 475"	Óleo fino preto	2,55	0,81

ANEXO 2 – ENTREVISTAS DAS PRÁTICAS DE EXTRAÇÃO ATUAL

Entrevista: 01
Data: 27/11/2007
Nome: Domingos Rosa Luna
Localidade: São Pedro

ANTES

- Arruma o material: carote, trado, bica, funil, terçado, munição, palha, lanterna, plástico para fazer barraca (lona);
- "outro vai fazendo caminho atrás da árvore para tirar o óleo"
- "Quando o rio está cheio vai de canoa a remo, quando está seco vai a pé";
- quando está com outra pessoa um vai procurando copaíba e o outro vai furando; sempre que pode vai de 2;
- marca as de 1 metro de rodo pra frente

DURANTE

- tora um pedaço de pau, fura um pouco, vai experimentando se o torno dá certo; o torno é feito antes de terminar de furar;
- continua a furar;
- "se bate com o terçado e do lado que o baque tá mais visível está mais perto; do lado que o baque está mais longe o óleo tá mais longe";
- "olha o jeito da árvore, se a árvore tiver mais inclinado o óleo está na costa; se a árvores estiver mais em pé é desse lado que está o óleo";
- quando tem muito óleo tira o trado devagarzinho;
- coloca a bica de ferro;
- coloca funil no carote para aparar o óleo;
- quando enche o carote torneia e deira o torno do lado de fora de mais o menos um palmo; para quando voltar da próxima vez tirar mais fácil;
- bate o torno e tira

DEPOIS

- traz o óleo para casa
- "coa o óleo com um pedaço de pano";
- "junta todo o óleo numa vasilha só";
- "às vezes quando o comprador não está na porta o óleo fica guardado até 2 meses";

OBS:

sistema de coleta

volta a tirar o óleo das árvores furadas de 5 a 6 meses

vai abrindo novas e vai olhando as que ficaram para trás

o trado é da grossura que o regatão traz pra vender...mas o trado com a rosca muito fechada não presta.

preços

oferecer a R\$ 15

menor preço R\$ 12,00

cada um leva a quantia que tirar mas antes se reúne para a conta certa

Entrevista: 02
Data: 28/11/2007
Nome: Raimundo Brandão Valadar
Localidade: Lajeiro

ANTES

- mercadoria para levar: açúcar, café, sabão, milho, leite, tambor de plástico de 10, 20 até de 50 litros, trados de varias grossuras, bica e funil
- vai para mata por 1 mês ou dois;
- vai de canoa ou motor até onde dá; vão em grupo de até 6 pessoas;
- vai fazer caminho procurando e furando até quando encher as vasilhas que levou; já chegou a levar até 6 tambores de 50 e 20 litros;
- procura na terra firme e no baixo de grota, no biaxão do rio não existe;
- achando a copaíba, enche as vasilhas que dá no lugar e deixa e deixa tudo ajeitado para os bichos não mexer;

DURANTE

- fura só as copaiba de são da grossura de 1 tambor de 50 litros em diante;
- as filhas são deixadas para furar depois;
- antes de furar bate com a costa do facão;
- do lado que ela bate fofo é do lado que a trinca está mais perto; do lado que a batida é mucisa é mais longe o óleo;
- é difícil a trinca dar no centro da árvore, é sempre do lado;
- quando fura e não encontra, fura do outro na mesma direção só que um pouco mais alto;
- maio, junho e julho é a melhor época de furar;
- não se baseia na lua;
- a ciência da copaíba de que na hora que fura e faz uma zuada, se se espantar o óleo sobe, mas no outro dia pode bater no tronco que ela volta toda;
- fura na parte de baixo da árvore, de joelho, fazendo promessa;
- quando começa a furar já prepara o tronco para fechar o furo;
- usa as madeiras moles para fazer o tronco;
- coloca o torno e deixa inteiro até 3 e 4 anos e depois corta para furar uma próxima vez;
- volta furar de novo conforme a mata, se tiver pouquinho deixa de 3 e 4 anos até voltar de novo conforme a precisão;
- se a mata tiver muito, volta mais vezes para furar as filhas que cresceram; volta de ano em ano;
- não pode tirar direto porque se não esgota, não morre mas não cria mais óleo;
- só coloca na vasilha o óleo, sem água;

DEPOIS

- guarda o óleo nas garrafas de plástico e tambor durante 1 ano, depois de 1 ano quando cria borra tem que trocar a vasilha e coar de novo;
- coloca na vasilha e traz para coar em casa; coa com pano; passa para uma vasilha maior

OBS

Tem 3 qualidades de óleo

- 1) fininha - copaíba branca- a casca é branca - o óleo é igual a água do rio
- 2) igual a óleo de soja - copaíba preta- a a árvore é meio escura
- 3) grossa igual a mel - copaíba vermelha - casca vermelha

Entrevista: 03
Data: 01/12/2007
Nome: Rezinho Bezerra de Castro, 24 anos
Localidade: Buenos Aires
Fura copaíba desde os 10 anos de idade

ANTES

- ajeita a bica, corote de 10, trado no jamaxim quando vai para voltar no mesmo dia; quando vai para longe leva carote de dois de 20 litros; para encher os dois gasta uns 10 a 15 dias
- vai a pé: perto umas 3 horas de viagem e uns 3 dias subindo de canoa para chegar no ponto de furar
- vai no inverno nos lugares longes;
- vai em dupla
- quando acha um limpo arma a barraca e sai procurando copaíba; onde tem cipocal não tem copaíba.

DURANTE

- para furar procura o lugar mais baixo e fura
- quando a árvore é mais grossa olha o lado da queda e fura do lado da queda; nos outros fura no lado mais bonito; nas copaibas espcodadas fura no lado espcado.
- fura qualquer época, não se preocupa com a lua;
- fura as copaibas que tem a grossura dos carotes de 20 litros;
- a copaiba de óleo fino tem casca branca; e a do óleo grosso tem a casca vermelha.

DEPOIS

- coloca todo óleo junto (fino e grosso);
 - tira o torno raspa, tira toda quina pra não vazar óleo; é só colocar o torno naquelas que produziram;
 - chegando em casa tira o óleo da vasilha e troca para outra maior para juntar tudo num só;
 - Antigamente coava, mas hoje não coa porque não tem com que coar, mas tirar o bagaço;
 - guarda o óleo em casa esperando a chegada do comprador;
- o óleo é vendido a R\$ 11 a troco na sua localidade;
o preço bom seria R\$ 15 reais

OBS

o trado usado é de 3/4 pequena, do jeito que compra na rua; na copaíba grossa tem que furar umas 10 vezes para chegar na trinca

torno: usa louro quando tem, quando não tem usa o larga gaia;

quando é grossa fura na altura de 1 metro e quando é fina em meio metro.

furar copaiba é ruim porque deixa a pessoa longe da família por uns 3 meses

Acervo
ISA

Entrevista:	04
Data:	02/12/2007
Nome:	Raimundo Pereira do Nascimento (Porrodó), 50 anos
Localidade:	Conceição
	Fura copaíba há 8 anos, aprendeu com seu pai

ANTES

- separa o material que vai: a bica, o trado, o carote e o funil; quando é para longe leva o rancho, canoa, plástico, machado, espingarda, munição, anzol, linha para pescar, rancho (sal, açúcar, café, sabão, óleo) carote de 50 litros
- já sai direto para a área onde vai nas áreas que acha que vai encontrar;
- sai para furar depois que termina a castanha (maio a julho);

DURANTE

- antes de furar bate para saber se é ocada, se é não fura;
- chega olha para que lado está a queda; não furá nas costas
- quando tem trado grande fura 70 cm acima do chão; quando o trado é pequeno fura metro e meio do chão;
- quando fura não pode se admirar do óleo que está saindo;
- tira o óleo, põe na vasilha;
- só fecha com torno as copaíba que produzem; as que não produzem não fecha porque elas fecham por conta;
- só fura copaíba acima de 1 metro;

DEPOIS

- quando chega em casa coa o óleo e coloca em outra vasilha usa garrafas de fanta de 2 litros
- os compradores preferem o óleo nas vasilhas brancas para saber se tem sujeira
- coa no pano
- o óleo chega a ficar até 5 meses guardado sem poder vender
- não pode deixar no sol porque o carote resseca, tufa e quebra;

as copaíba furaras que tira o óleo e volta 15 dias depois;
depois deixa passar 3 a 6 meses para voltar de novo;
depois deixa descansar 1 ano

na primeira vez que produz 25 litros (15-10), na segunda produz 5
Um bom preço para o óleo a troco é de R\$ 15 e a dinheiro R\$12. O menor preço é R\$10

os produtos que trabalha: casta e seringa, canoa, cipó e remo
castanha, borracha e farinha
os maiores problemas é tirar a produção

tipos de copaíba que tem na região:

preta= produz óleo fino

branca= as vezes branca e meio clara

vermelha= óleo grosso vermelho da cor de gasolina; melhor de óleo

Entrevista: 05
Data: 03/12/2007
Nome: Pedro Pereira de Castro
Localidade: Paulo Afonso

DURANTE

- chega, olha a folha, bate para ver se não é ocada, quando bate meio fofo pode ser água no olho;
- fura do lado que tem o galho maior;
- limpa a sujeira da casca para não cegar o trado;
- prega a bica;
- fura com trado de 3/4;
- normalmente fura 1 vez mas já chegou a furar 9 vezes para achar a trinca;
- furar na altura de 1 metro acima do chão;
- se for abaixo de 1 metro o porco pode arrancar o torno se não for bem colocado;
- fura nos meses que chove mais pouco, maio a dez (em ano que chove pouco);
- conhece a copaíba malhada do óleo bem fininho; casca grossa - óleo grosso;
- copaíba cheia de "caraca" e é bem empinada - tem óleo mais grosso, que tem que esperar mais tempo para escorrer;

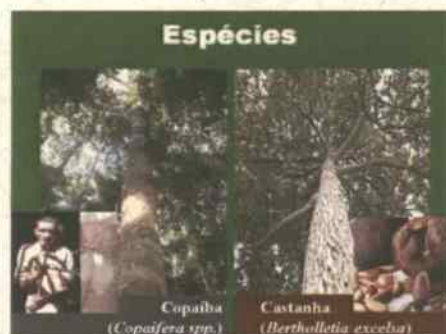
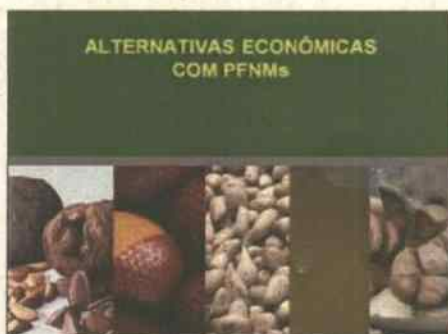
DEPOIS

- fecha com torno; usa louro ou cacau, mulatinho; fura e não gosta de despescar;
- deixa o torno grande e dentro uns 20 cm porque a copaíba tem muita força;
- tem copaíba que furou em 97 e 98 e até agora não voltou lá; outras que furou em 2002, voltou lá tirou 10 e quando voltou tirou 10 litros;
- depois bota no jamaxim e transporta para a conoa;
- coa na área ou quando chega em casa
- espera o regatão comprar
- já chegou a esperar até 3 meses para vender o óleo

OBS

o bom preço seria de R\$ 20,00 e o menor preço R\$ 13,0 a dinheiro

ANEXO 3 – APRESENTAÇÕES POWERPOINT UTILIZADAS NAS CONVERSAS



Estudo do manejo



Pauta de Pesquisa:

- produtividade
- ciclo de extração
- estudo e melhoria da técnica de extração
- composição físico-química
- mercado

Manejo do Vinho de Jatoba
(*Hymenaea courouba*)



Usos populares:
no tratamento de bronquites, doenças do coração e em infecções urinárias, próstata, energético, afrodisíaco ("Viagra" da Amazônia); Corante.

Pauta de Pesquisa:

- produtividade
- ciclo de extração
- tempo de prateleira do "vinho"
- composição físico-química
- mercado
- patente

PALMEIRAS: POLPA (açai, pataú e buri) E SEMENTES (paxiubá, paxiubinha, tucumã, jarina, pataú, açai) PARA APROVEITAMENTO



Potencial de produção

- Plano de manejo
- Viabilidade econômica
- Capacitação de extrativistas
- Busca de parcerias

Pataú:
3 comunidades em Xanoré e Brasília;
28 famílias - 90 ha mapeados;
30t frutos = 2t óleo (artesanal)

Enfoque: manejo de fauna e fibra - Produção do óleo de Sure



Estudo sobre a feição da larva do *Rhynchophorus barbirotis* no pataú (*Oenocarpus bitataia*).

Óleo de sure: utilizado no tratamento de doenças pulmonares.

Pauta de Pesquisa:

- Produtividade
- Plano de manejo: pataú x sure
- Análise do óleo
- Patente

© 1999, P. Sánchez

Para comercializar um produto da floresta é preciso saber responder:

1. SE TEM
2. QUANTO TEM
3. AONDE ESTÁ
4. PRA QUEM VENDER
5. COMO MANEJAR
6. COMO BENEFICIAR
7. COMO ARMAZENAR
7. COMO TRANSPORTAR

HISTÓRICO DA PRÁTICA ATUAL

Cadeia Produtiva Simplificada

Levantamento de Demandas
Capacitação, Pesquisas, das Associações e outros parceiros

Aspectos relevantes a execução:
Nível de interesse, Envolvimento da associação e lideranças,
Participação e envolvimento.

Passos para Realização do Manejo

Apresentação Interativa

- 1º. Passo: Definição das Famílias
- 2º. Passo: Capacitação na furação e coleta do óleo
- 3º. Passo: Mapeamento/inventário
- 4º. Passo: Elaboração do plano de manejo
- 5º. Passo: Furação e coleta do óleo
- 6º. Passo: Comercialização

FALANDO DA COPAIBA

ANEXO 4 - REGRAS DE MANEJO DE COPAÍBA DE ASSOCIAÇÃO CERTIFICADA.

REGRAS DE CONTROLE PARA O MANEJO DE COPAÍBA

Associação Seringueira Porto Dias

2003

A atividade de Manejo Florestal exige uma grande responsabilidade e compromisso com a sua realização, devendo se definir algumas regras para o bom andamento das atividades de Manejo de Copaíba, cabendo aos manejadores discutirem e definirem regras para tal atividade.

ATIVIDADES PRÉ-EXPLORATÓRIAS

Inventário - poderão ser mapeadas todas as árvores de copaíba existentes na colocação, ou que o proprietário conheça em suas estradas de seringa.

Seleção das árvores - deverão ser escolhidas para a extração do óleo, somente as árvores com CAP maior que 1.30 m.

Legalização - o plano de manejo e o PDA deverá ser apresentado ao IBAMA e somente após a avaliação e a vistoria nas áreas com a devida autorização para exploração é que se deve iniciar a furação das árvores.

Capacitação - todos os manejadores deverão participar dos cursos a serem desenvolvidos para uma boa realização da prática de manejo e obtenção de conhecimentos de forma prática e consciente

ATIVIDADES EXPLORATÓRIAS

Furação das árvores - todas as árvores inventariadas acima 1.30 m, poderão ser furadas com uso de trado e corotes e manguieiras devidamente limpas.

Por isso é importante nos atentarmos para os seguintes itens e criarmos regras para cada um.

Equipamentos

Serão entregues à associação os Kits utilizados nas Atividades de Exploração do Óleo de Copaíba.

Cada manejador receberá equipamentos correspondente à quantidade de copaibas a serem exploradas em sua colocação;

Cada manejador se responsabilizará pelo equipamento de extração adquirido, sendo que em caso de extravio, perda ou dano este deverá repor a associação o material em forma de pagamento ou reposição do equipamento;

Cada manejador deverá usar de maneira correta os materiais adquiridos, tendo o cuidado para que não haja extravios nem transformos no decorrer das atividades;

O responsável pelos equipamentos na associação (Sra Eremir Lourenço do Carmo) deverá se responsabilizar pelo zelo e controles dos equipamentos;

Os equipamentos deverão ser utilizados somente pelos manejadores de copaíba.

Controles

Cada manejador se responsabilizará pelo controle da exploração do óleo em sua área, devendo preencher as fichas de controle conforme as instruções oferecidas;

O responsável pelo recebimento do óleo (Sr Adalberto Pereira do Nascimento) deverá realizar o controle de entrega e comercialização do óleo e fazer a separação deste em recipientes diferentes conforme o tipo ou densidade (branco, preto, amarelo, etc);

Extração

Cada manejador deverá realizar a extração de maneira correta com o uso do trado e demais materiais conforme a instruções dadas, garantindo uma exploração sustentável da copaíba;

Cada manejador se responsabilizará pela entrega do óleo à associação em boa condição de conservação e qualidade devendo separá-lo em recipientes diferentes conforme o tipo de óleo extraído.

Cada manejador deverá estar ciente do ciclo de exploração da atividade, ficando determinado um ciclo de 3 anos entre uma safra e outra para extração do óleo de copaíba.

ATIVIDADES PÓS-EXPLORATÓRIAS

Comercialização

Cada manejador se comprometerá pelo pagamento de uma taxa a ser definida após o resultado da produção à associação, referente à venda do produto;

O responsável pela comercialização deverá apresentar a prestação de contas de todas as transações comerciais realizadas, bem como das atividades e o controle de equipamentos entregues e devolvidos à associação conforme o combinado na construção das regras de controle;

Monitoramento da atividade

Será realizado avaliações da atividade verificando e registrando periodicamente o comportamento das árvores exploradas para que não hajam danos a espécie manejada.

Em caso do não cumprimento das regras fica o manejador sujeito a:

Rejeição do grupo;

Não comercialização de seu produto;

DECRETO Nº 25.275, DE 11 DE AGOSTO DE 2005

Publicado no DOE de 11.08.05

INCORPORA à legislação tributária do Estado o Convênio ICMS 58/05, celebrado no âmbito do Conselho Nacional de Política Fazendária (CONFAZ), e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO AMAZONAS, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 54, IV, da Constituição do Estado, e

CONSIDERANDO a necessidade de promover a interiorização do desenvolvimento do Estado e a valorização econômica dos produtos florestais como estratégia de melhorar a qualidade de vida da população extrativista e combater o desmatamento;

CONSIDERANDO o disposto no Convênio ICMS 58/05, de 1º de julho de 2005, celebrado no âmbito do Conselho Nacional de Política Fazendária (CONFAZ),

DECRETA:

Art. 1º. Fica incorporado à legislação tributária do Estado, o Convênio ICMS 58/05, celebrado na 118ª reunião ordinária do CONFAZ, realizada em São Paulo, SP, no dia 1º de julho de 2005.

Art. 2º. Fica isenta do ICMS as operações internas com os seguintes produtos nativos de origem vegetal:

- I - óleos vegetais: andiroba, copaíba, castanha, murumuru, babaçu, urucuri, buriti, bacaba e patauá;
- II - látex e resinas: Cernambi Virgem Prensado (CVP), Folha Semi-artefato (FSA), Folha de Defumação Líquida (FDL), couro vegetal e breu;
- III - frutas e sementes: castanha- do- brasil;
- IV - fibras: juta, malva, cipó – titica, cipó – ambé, piaçava, arumã e tucum;
- V - cascas, folhas e raízes para uso medicinal e cosmético: unha – de – gato, carapanaúba e ipê – roxo;
- VI - polpas de frutas: cupuaçu, açai, buriti e patauá.

§ 1º. O benefício somente se aplica à pessoa física que exerça atividade de extração, à cooperativa ou associação que a represente.

§ 2º. Fica mantido o crédito fiscal relativo à operação isenta nos termos deste artigo.

Art. 3º. Fica a Secretaria de Estado da Fazenda autorizada a expedir normas complementares que se fizerem necessárias à execução do presente Decreto.

Art. 4º. As disposições constantes deste Decreto não autorizam a restituição ou compensação de importâncias já pagas.

Art. 5º. Revogadas as disposições em contrário, este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, produzindo efeitos a partir da publicação ou ratificação nacional dos referidos atos, no Diário Oficial da União.

GABINETE DO GOVERNADOR DO ESTADO DO AMAZONAS,
em Manaus , 11 de agosto de 2.005.

EDUARDO BRAGA

Governador do Estado do Amazonas

JOSÉ ALVES PACÍFICO

Secretário de Estado Chefe da Casa Civil

ISPER ABRAHIM LIMA

Secretário de Estado da Fazenda

VIRGÍLIO MAURÍCIO VIANA

Secretário de Estado do Meio Ambiente e

Desenvolvimento Sustentável

ANEXO 6 – DECRETO DE SUBVENÇÃO DA BORRACHA NO ESTADO DO AMAZONAS

DECRETO REVISADO

DECRETO N.º 23.636. DE 11 DE AGOSTO DE 2.003.

APROVA novo Regulamento da Lei n.º 2.611, de 04 de julho de 2.000, que autoriza o Poder Executivo a conceder a subvenção econômica a produtores extrativistas e agrícolas e dá outras providências

O GOVERNADOR DO ESTADO DO AMAZONAS, no uso da atribuição que lhe confere o artigo 34. VIII, da Constituição Estadual, e

CONSIDERANDO a necessidade de modificação do Regulamento da Lei n. 2.611, de 04 de julho de 2.000, de sorte a adequá-lo à nova organização do Poder Executivo, decorrente da Lei n.º 2.783, de 31 de janeiro de 2.003, e legislação subsequente.

CONSIDERANDO a proposta oriunda da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, conforme consta do Processo n.º 2.912 /2003-CASA CIVIL.

DECRETA:

CAPÍTULO I DO OBJETIVO

Art. 1.º - A subvenção econômica autorizada pela lei n.º 2.611, de 04 de julho de 2.000, a ser concedida a produtores extrativistas, tem como objetivo incentivar a produção agroextrativista, abrangendo, inicialmente e nos termos deste Decreto, a exploração e a produção de borracha natural bruta e/ou látex.

CAPÍTULO II DAS CONDIÇÕES PARA RECEBIMENTO

Art. 2.º - Para habilitar-se ao recebimento da subvenção econômica regulamentada por este Decreto, o Produtor extrativista de borracha natural bruta e/ou látex deverá comprovar o atendimento das seguintes condições:

- I - explorar e produzir a borracha natural bruta e/ou látex na condição de proprietário, posseiro, arrendatário, morador de Unidade de Conservação ou parceiro da parcela da terra vinculada a essa atividade econômica extrativista;
- II - demonstrar que a atividade extrativa realizada reputa-se de baixo impacto ambiental;
- III - ter na produção de borracha natural bruta e/ou látex uma das suas principais atividades econômicas;
- IV - residir na propriedade ou em aglomerado rural ou urbano próximo a área de exploração e produção;
- V - utilizar o seu trabalho, e o de sua família, na área de exploração e produção de borracha;
- VI - não empregar mão-de-obra permanente, recorrendo à mão-de-obra de terceiros apenas eventualmente;
- VII - estar vinculado a uma associação ou cooperativa agroextrativista cadastrada junto à Agência de Desenvolvimento Sustentável/ADS.

CAPÍTULO III DO ÓRGÃO EXECUTIVO

Art. 3.º - O processamento e a fiscalização das habilitações e dos pagamentos das subvenções serão realizados pela Agência de Desenvolvimento Sustentável - ADS, que instituirá uma Comissão Interinstitucional de Análise dos Processos, Acompanhamento e Monitoramento relativos aos pedidos de subvenção, composta por um representante da própria Agência, um representante da Secretaria do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável - SDS, um representante da Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Econômico - SEPLAN, um representante da Secretaria da Fazenda - SEFAZ, um representante da Secretaria de Produção Rural - SEPROR/IDAM, um representante do Conselho Nacional dos Seringueiros - CNS e um representante da Federação dos Trabalhadores na Agricultura - FETAGRI indicados pelos respectivos dirigentes.

Parágrafo Único - O Regimento Interno da Comissão Interinstitucional, elaborado por seus membros e aprovado por ato do Presidente da Agência de Desenvolvimento Sustentável - ADS, definirá a sua competência e objetivos, respeitando as seguintes atribuições básicas da Autarquia:

I - permanente fiscalização do atendimento à manutenção das condições estabelecidas no artigo 2º deste Decreto;

II - monitoramento e acompanhamento operacional dos recursos repassados para a concessão da subvenção econômica de que trata este Decreto, designando servidores técnicos qualificados para promover a capacitação dos produtores extrativistas e a fiscalização do uso efetivo do subsídio;

III - a manutenção, de forma sistematizada, dos registros financeiros referentes à subvenção objeto deste Regulamento, para a devida e obrigatória prestação de contas ao Tribunal de Contas do Estado.

CAPÍTULO IV

DAS ORGANIZAÇÕES DE PRODUTORES EXTRATIVISTAS E DAS ENTIDADES DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTADO DA PRODUÇÃO E EXPLORAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS

Art. 4.º - Para fins dos benefícios da subvenção econômica, consideram-se organizações de produtores extrativistas as Associações e as Cooperativas legalmente constituídas e compostas por produtores agroextrativistas que comercializem borracha natural bruta e/ou látex e cuja Diretoria Executiva seja composta por produtores extrativistas.

Art. 5.º - As organizações de produtores ou as entidades a que se refere o artigo anterior ficam obrigadas a apresentar a Agência de Desenvolvimento Sustentável- ADS, demonstrativo contendo a relação dos produtores extrativistas beneficiários da subvenção econômica, os quantitativos individuais da produção de borracha natural bruta e/ou látex e as correspondentes cópias das notas fiscais dos quantitativos da produção comercializada junto às usinas e/ou indústrias de beneficiamento/processamento de borracha natural bruta e/ou látex.

Art. 6.º - As associações e/ou cooperativas agroextrativistas terão um prazo de 60 dias para encaminhar à Agência de Desenvolvimento Sustentável – ADS - Prestação de Contas dos recursos recebidos.

CAPÍTULO V

DO PAGAMENTO E VALOR DA SUBVENÇÃO

Art. 7.º - O pagamento da subvenção econômica aos produtores extrativistas de borracha natural bruta e/ou látex será realizada a cada três meses da safra, por meio das associações e/ou cooperativas agroextrativistas, devidamente cadastradas junto à Agência de Desenvolvimento Sustentável – ADS, e quando detectada a existência in loco da produção por técnico do IDAM.

Art. 8.º - O valor da subvenção econômica a que se refere o artigo 1.º da Lei n.º 2.611, de 04 de julho de 2.000, estipulado em R\$ 0,70 (setenta centavos) no Decreto Nº23.636 de 11 de Agosto de 2003, será de R\$1,00 (um real) por quilo de borracha, a partir da assinatura do presente decreto, considerando a diversidade de produtos comercializados no Estado (Cernambi Rama, Cernambi Virgem Prensado- CVP, Bola ou Pela e Folha Defumada- FDL e Látex Coagulado ou Líquido).

Art. 9.º - Os valores referentes à subvenção econômica de que trata este Decreto serão creditados às associações ou cooperativas agroextrativistas, para serem repassados aos respectivos produtores extrativistas de borracha natural bruta e/ou látex, no Banco Brasileiro de Descontos S.A - Bradesco, por meio do Sistema de Pagamento do Estado, administrado pela Secretaria da Fazenda – SEFAZ, da seguinte forma:

I. 60% (sessenta por cento) do valor da subvenção estimada da produção será creditada no início da safra, ficando bloqueado na conta das associações ou cooperativas agroextrativistas para serem repassados aos respectivos produtores extrativistas de borracha natural bruta e/ou látex mediante a apresentação da documentação comprobatória assinada por um representante legal da associação e um representante da Secretaria de Produção – SEPROR/IDAM.

II. O restante do valor da subvenção será definido no final da safra e pago em até 30 dias após apresentação da nota fiscal pela associação ou cooperativa agroextrativista;

Parágrafo Único – Para efetivação do crédito a que se refere o item I deste artigo, a associação ou cooperativa agroextrativista apresentará à Agência de Desenvolvimento Sustentável- ADS a relação dos produtores extrativistas de borracha natural bruta e/ou látex, contendo a estimativa de produção em quilograma, e após a constatação do técnico do IDAM da quantidade de produção existente.

CAPÍTULO VI

DA FISCALIZAÇÃO, DO MONITORAMENTO E DO ACOMPANHAMENTO OPERACIONAL

Art. 9.º - A fiscalização, o monitoramento e o acompanhamento operacional de competência da Agência de Desenvolvimento Sustentável- ADS, nos termos do artigo 4º deste Decreto, respeitarão os seguintes princípios.

I - verificado o descumprimento de uma das condições exigidas para a habilitação, a Agência de Desenvolvimento Sustentável - ADS suspenderá, de imediato, a subvenção econômica atribuída ao produtor extrativista beneficiário.

II - no caso da comprovada falsidade documental referente às informações acerca das condições exigidas, será suspensa, imediatamente, a concessão da respectiva subvenção, ficando a associação ou cooperativa agroextrativista sujeita às penalidades aplicáveis a crimes dessa espécie, devendo a Agência de Desenvolvimento Sustentável - ADS adotar não só as providências necessárias para a devolução, pelo beneficiário, dos recursos públicos recebidos indevidamente, como também às medidas para a competente ação penal cabíveis ao ato;

III - o monitoramento e o acompanhamento operacional das subvenções, bem como o pagamento ao produtor extrativista do respectivo valor da subvenção a que tem direito, terão por base o fluxo de produção e a comercialização da borracha natural bruta e/ou látex, a saber:

- a) o produtor entrega sua produção para a organização à qual se vincula;
- b) a organização mantém registro contábil das operações realizadas com cada produtor associado;
- c) a organização vende a produção para o comerciante/indústria/usina de beneficiamento ou processamento de borracha natural bruta e/ou látex;
- d) a associação ou cooperativa agroextrativista apresentará à Agência de Desenvolvimento Sustentável - ADS a relação dos produtores extrativistas de borracha natural bruta e/ou látex, contendo o total da produção em quilograma, o quantitativo da produção de cada um dos produtores beneficiários e a nota fiscal de venda da respectiva produção;
- e) a Agência de Desenvolvimento Sustentável - ADS ou instituição por ela credenciada procederá a vistoria com a respectiva marcação do lote constando na Nota Fiscal apresentada;
- f) de posse da documentação e mediante análise prévia e aprovação da Comissão de que trata o artigo 3.º deste Decreto, a Agência de Desenvolvimento Sustentável - ADS processará o pagamento da subvenção de acordo com as normas legais;
- g) as associações ou cooperativas agroextrativistas realizarão o pagamento da subvenção econômica aos produtores de borracha natural bruta, de acordo com o quantitativo individual de cada um, conforme o registro da sua produção repassada à respectiva organização;
- h) a Agência de Desenvolvimento Sustentável - ADS ou instituição por ela credenciada procederá a verificação, por amostragem, se o recurso da subvenção foi devidamente repassado ao Produtor.

Art. 10 - Tendo por base os registros financeiros e contábeis de que trata o artigo 3.º, inciso III, deste Regulamento, as prestações de contas relativas aos recursos utilizados nas subvenções serão encaminhadas pela Agência de Desenvolvimento Sustentável - ADS ao Tribunal de Contas do Estado, instruídas com os demonstrativos previstos no artigo 5.º deste Decreto.

Art. 11 - Os casos omissos serão resolvidos pela Agência de Desenvolvimento Sustentável - ADS, consultada a Secretaria de Estado de Fazenda - SEFAZ, sobre aspectos operacionais nas áreas orçamentária e financeira.

Art. 12 - Ficam revogados o Decreto n.º 21.159, de 19 de setembro de 2.000, com suas posteriores alterações, e as demais disposições em contrário.

Art. 13 - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação

GABINETE DO GOVERNADOR DO ESTADO DO AMAZONAS, em Manaus, 11 de agosto de 2.003.

EDUARDO BRAGA
Governador do Estado

JOSÉ ALVES PACÍFICO
Secretário de Estado Chefe da Casa Civil

VIRGÍLIO MAURÍCIO VIANA
Secretário de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável